

Contos Infantis

EM VERSO E PROSA

POR

Adelina A. Lopes Vieira

E

Julia Lopes de Almeida

Adaptados para uso das escolas primarias do Brasil

Sexta edição

Laemmert & C.^a

EDITORES

RIO DE JANEIRO

S. Paulo — Recife

1905

OBRAS DAS AUCTORAS

De Adelina A. Lopes Vieira

MARGARITAS, poesias, 1 volume.

DESTINOS, contos, 1 volume.

A publicar

AGORA E SEMPRE, contos.

ANOITECE, collecção de sonetos.

A VIRGEM DE MURILLO, drama em verso.

De Julia Lopes de Almeida

TRAÇOS E ILLUMINURAS, contos, 1 volume (exgottado).

MEMORIAS DE MARTHA, narrativa, 1 volume.

A FAMILIA MEDEIROS, romance de costumes paulistas,
2.^a edição, 1 volume.

A VIUVA SIMÕES, romance, 1 volume.

LIVRO DAS NOIVAS, 3.^a edição, 1 volume.

A publicar

HISTORIAS DA NOSSA TERRA, leituras escolares, 1 volume.

CONTOS INFANTIS

EM VERSO E PROSA

POR

ADELINA LOPES YIEIRA

E

JULIA LOPES DE ALMEIDA

ADOPTADOS

PARA USO DAS ESCOLAS PRIMARIAS DO BRASIL

Sexta edição

LAEMMERT & C.^a, Editores
Rio de Janeiro—S. Paulo—Recife

1905

As auctoras reservam-se todos os direitos de propriedade, que as leis do seu paiz lhes garantem.

PROLOGO DA 2.^a EDIÇÃO

Por decisão da Inspectoria Geral da Instrucção Primaria e Secundaria da Capital Federal dos Estados-Unidos do Brasil, em 14 de abril de 1891, foi approvado este livro para uso das escolas publicas primarias, em vista do que mandámos fazer esta segunda edição, que vae illustrada com gravuras para maior aprazimento das creanças e com um pequeno questionario em seguida a cada conto, segundo o methodo adoptado nas obras de ensino elementar, prescripto pela mesma Inspectoria.

Repetimos, pois, o que dissemos na primeira edição :

Os *Contos Infantis* são umas narrações singellas, em que procurámos fazer sentir aos pequeninos paixões boas, levando-os com amenidade de historia a historia.

Alguns episodios podem ser tidos como não naturaes ; são aquelles em que as flores fallam e os animaes raciocinam ; mas isso mesmo o fizemos como tactica subtil, para tornarmos animaes e flores comprehendidos e estimados pelas creancinhas.

Assim, todas as nossas historias são simples ; narrações de factos realizados, muitas. Julgamos que quanto mais approximado fôr da verdade o assumpto, mais interesse desperta em quem o lê. D'esta arte o pequeno leitor seguirá entretido a historia de uma menina pobre ; de uns pombinhos mansos ; de uma velha engelhadinha e tremula ; de um burrinho trabalhador ; ou de uma mãe carinhosa, —parecendo-lhe ver : na menina pobre, a filha de um vizinho ; nos pombos mansos, uns que lá vão a miude ao seu jardim, e aos quaes nunca mais fará mal ; na velhinha, a sua avó querida ; no burrinho trabalhador e paciente, o pobre burro magro de um carroceiro bruto ; e, finalmente, na mãe carinhosa, a sua propria mãe !

Elle verá então com sympathia os que soffrem, afeiçoando-se assim á grande familia dos infelizes !

O nosso fito é a educação moral e esthetica ; um desejo que, por ser bem intencionado, deve ser permittido.

Diligenciámos dar á fôrma e ao estylo simplicidade e correcção, naturalidade e sentimento, coisas que se devem alliar principalmente nas paginas de proposito escriptas para creanças. A clareza dos conceitos e a verdade são elementos saudaveis para o seu espirito, que se vae assim formando sem esforço, bebendo seiva natural e vivificadora.

Não cremos que este pobre livro alcance em absoluto o nosso intento, mas temos a convicção de que não será inutil ; porque, se não basta a boa vontade para se escrever uma obra que impressione e que corrija erros, são incontestavelmente de grande valor, para o

espírito mobil das creanças, umas phrases bondosas, em que a virtude derrame o seu perfume suave, capaz de modificar impetos de genio e indiferença pelo soffrimento alheio.

Que uma unica das creanças, que nos lerem, pratique, imitando um de nossos heroes, uma acção boa, e ficaremos bem pagas da canceira.

Temos lido muitos livros injustamente classificados, ou antes, destinados *para a infancia*. Que contem, na sua maior parte? Historias insulsas e banaes, ou phantasias absurdas e intrincadas, que só uma intelligencia amadurecida pode entender.

Para a comprehensão das creanças toda a violencia é má. Se lêem com attenção, fatigam-se em busca da verdadeira idéa occulta entre os labyrinthos da phrase; se não lêem com attenção, se o fazem machinalmente, perdem um trabalho, que as enfada, e que nada de bom lhes deixa.

É preciso ter-se consciencia de tudo o que se faz.

Diz P. J. Stahl, no prefacio do delicioso livro de Luiz Ratisbonne — *Comédie enfantine* — que é necessario alimentar o espirito das creanças, como o seu corpo, com o que ha de mais puro e são.

E é bem certo isso.

Condemna com justiça esse escriptor os livros feitos ás duzias, ao correr da penna, e destinados á infancia; livros sem relevo, sem aroma, e aos quaes está reservado o direito de fallar em primeiro lugar e ao que ha de mais subtil, de mais fino e delicado neste mundo, — á imaginação e ao coração das creanças!

«Eu desejaria desanimar esses pobres escriptores,

continúa elle, fazer-lhes comprehender bem que, quando se escreve para as creanças, a tarefa não é, como parece acreditar-se, o diminuir-se, abaixarem-se, descerem; ao contrario, a tarefa é subirem, subirem sempre, subirem tão alto, quanto possa attingir o espirito humano, isto é, até a alma da creança, até as espheras superiores, que ella habita e habitará, emquanto a sciencia da vida a não tiver feito descer para prendel-a á terra como a nossa.

«A Academia premeia livros de toda a especie: de historia, de philosophia e de sciencias em geral. Eu quizera que ella reservasse annualmente uma das suas corôas, e a mais rica, para as composições felizes, que devem encantar a infancia; quizera que assignalasse com ovações extraordinarias a passagem de uma d'essas aves raras: um livro deveras estimavel para uso das creanças.»

Apresentando ao publico o nosso modesto trabalho, dizemos com o escriptor francez:

Desejamos ver saudados com enthusiasmo em nosso paiz livros, já se vê, escriptos por pennas mais abalizadas que as nossas, e com direito a ovações, mas, como este, destinados ao uso das creancinhas.

CONTOS INFANTIS

AOS NOSSOS ADORADOS SOBRINHOS

A vós, anjos de paz, immaculados
beijos de casto amor,
trazemos estes contos iriados,
ramos de muita flor.

Reunimol-os tendo em pensamento
o vosso doce olhar
e o riso de ideal contentamento,
que os vae illuminar.

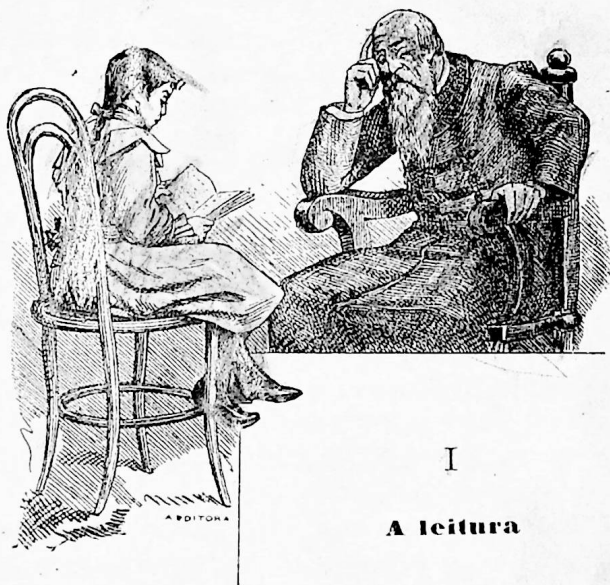
Não sabeis ler ainda, sois, amores,
pequeninos demais ;
apenas soletraes os esplendores
dos olhos maternas.

Ouvi attentos, pois, de quando em quando
os *Contos Infantis*,
no regaço materno recostando
as cabeças gentis.

E ouvindo-os, vereis que nessa idade
é facil entender
o que é amar a Deus e á humanidade,
mesmo sem saber ler.

Quando crescerdes mais, flores bemditas,
a vossa doce voz
cantará estas paginas, escriptas
com o pensamento em vós.





I

A leitura

Cegara o velho general, e desde então nada havia que o fizesse sorrir, nada que lhe prendesse a attenção, nada que o distraísse. Mergulhado na pavorosa noite da cegueira, entregava-se completamente a todo o horror das suas cerradas trevas, sem forças para reagir.

Tinha só uma filha, viúva, e uma neta, que a mãe puzera de pensionista num collegio.

Um dia, vendo a boa senhora que o pae estava peor e mais triste ainda, mandou buscar a filha, a sua Valentina.

Veu a menina amear o avô; beijava-o, passava-lhe pelas longas barbas brancas as mãozinhas mimosas, contava-lhe coisas diverti-

das passadas com as collegas... e o velho silencioso! Exgottados todos os recursos, tomou a pequenita um livro e poz-se a ler umas historias de guerra, umas scenas de campo de batalha e de ambulancias.

O rosto do infeliz general transformou-se; uma alegria suave espalhou-se-lhe pela physionomia. Quando a avelludada voz de Valentina esmorecia, animava-a elle, dizendo-lhe:

— Tem paciencia, meu amor, lê mais!

Desde esse dia reanimou-se o cego; passava horas felizes ouvindo a netinha ler.

É que então elle via clara, distinctamente, tudo o que o livro dizia; voltava ao passado, á juventude, sonhava; sahia do presente amargo e doloroso, e pela blandiciosa voz da neta ia a um tempo de alegria descuidada e de ardente enthusiasmo! Por isso, quando o velho adormecia, tranquillo, esquecido da sua desventura, quasi risonho, Valentina ia dizer contente á mãe:

— Agora é que eu comprehendo bem quanto vale á gente o saber ler.

1.^a Que desgraça succedeu ao velho general? — 2.^a Porque se conservava triste? — 3.^a Quem conseguiu distrahir-o e como? — 4.^a Os cegos não podem ler? — 5.^a Qual é o sentido que os cegos empregam para ler? — 6.^a Como são impressos os livros dos cegos? — 7.^a Porque se chama Instituto Benjamin Constant o collegio dos cegos?

II

O Ferrabraz

— Tu fallas sempre em batalhas
com feras bravas, immensas!
Que enorme terror espalhas,
meu anjinho!

— Acaso pensas,

mãezinha, que tenho medo?
Pois vou contar-te uma historia,
mas a ti só, que é segredo.
— Guardal-a-ei de memoria;

conta lá.

— Eu ia andando
pelo matto, vagaroso,
quando encontrei, passeando,
um elephante horroroso.

Não me assustei; logo, logo,
corri para o elephante,
peguei numa pedra e... fogo:
matei-o no mesmo instante.

Continuei meu caminho;
ia muito descançado,
quando por traz do moinho
vi um jacaré parado.

Cortei um pau muito grosso,
e... com uma só pancada,
zás... separei-lhe o pescoço;
ficou morto.

— Oh! filho!

— Nada,

inda o peor não foi isto;
veiu uma serpente enorme
(a maior que tenho visto)
e eu disse á serpente: «Dorme.

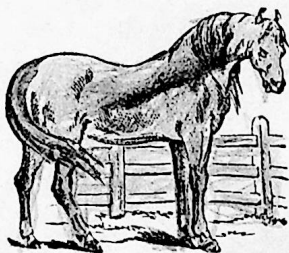
Se acordares... temos obra!»
Com os meus sapatos, mãezinha,
andei por cima da cobra,
ficou esmigalhadinha

— Que destemida creança!
Tres annos bem empregados.
És uma rolinha mansa,
que mata tigres... pintados.

— Tigres, leões e cabritos,
bois bravos, e bichos feios...
— Conheces bichos bonitos?
— Ora! pois então! mostrei-os.

hontem ao papae: vaquinhas,
carneiros, cavallos, gatos,
canarios, gallos, gallinhas,
papagaios, cães e patos...

— Do que mais gostas, aposto,
é, meu filho, do carneiro.
— Pois não é; do que mais gosto
é... do bicho carpinteiro!



1.ª Que quer dizer *Ferrabraz*? — 2.ª Que significa *guardar de memoria*? — 3.ª Que especie de palavra é *guardal-a-ei*? — 4.ª Em que tempo está *guardal-a-ei*? 5.ª Em que é *horroroso* o elephante? — 6.ª Que especie de palavra é *zás*! ?

III

O passarinho

Ao ver o traíçoeiro disfarce com que o pequeno Paulo preparara uma armadilha e caçara no quintal uma avezinha, chegou-se a elle a irmã mais velha e disse-lhe, numa admoestação branda :

— Que fizeste, Paulo ?

— Apanhei este passarinho ; canta muito bem ; todos os dias o ouvia.

— Mas se o ouvias todos os dias, para que o prendeste ?

— Para tel-o na gaiola, ao pé da minha cama !

— E achas isso bonito ?

— Acho.

— Olha, vem cá ; eu vou contar-te uma historia ; senta-te mesmo ahi na grama ; eu fico nesta pedra.

— Conta depressa, Eugenia.

— Não sejas impaciente ; escuta :

Era um dia um passarinho muito bonito, muito alegre, muito gorgeador. Ia todas as manhãs cantar perto da janella de um menino, que se chamava José, mas que era muito mais lindo que o nome. Um dia, quando o pobre passarinho cantava, o pequenito agarrou-o, assim como tu, traiçoeiramente. Metteu-o numa gaiola pequena, com bebedouro de crystal e chão dourado ; mas desde então o passarinho emmudeceu e ficou triste, triste a mais não ser ! Uma noite, sonhou o menino que a avezinha lhe segredava estas palavras ao ouvido :

« Como tu foste cruel ! Eu vinha contar-te todos os dias as minhas alegrias, deleitar-te com meu canto, e para me agradecer, prendeste-me ! Onde está a minha liberdade ? Onde está o meu ninho ? Onde estará minha mãe ? ! Tiraste-me tudo ! roubaste ao teu artista a ventura, deste-lhe um carcere, a elle, que te vinha contar todas as manhãs os seus sonhos ! . . Como foste ingrato ! . . . Eu morro ! . . . eu morro ! » Um bater d'azas angustioso acompanhou as ultimas palavras. José accordou espantadinho e correu para a gaiola. A avezinha tinha acabado de morrer, estava ainda morna e com o biquinho entreaberto.

José desfez em prantos suas maguas. Jurou não fazer mal aos animaes, e muito tempo, em sonhos, ouvia a debil voz do passarinho dizer-lhe :

«Como tu foste ingrato! eu morro!... eu morro!»

— Choras, querido Paulo? não vês que isto é uma historia? Então!... mas, onde está a tua linda avezinha?

— Deixei-a partir; ouvil-a-ei cantar de manhã cedo nos galhos da laranjeira!



1.ª Paulo fez mal prendendo a avezinha que apanhara no quintal? — 2.ª Que se entende por *traíçoeiramente*? — 3.ª Que é ter remorsos? — 4.ª Paulo tirou do que aconteceu a José algum proveito? — 5.ª Como se conjuga o verbo *deixar* no modo imperativo?

IV

O estudante e o bicho da seda

DE LUIZ RATISBONNE

«Borboleta, és feliz! podes voar, voar!
(dizia um estudante), e eu, que triste sorte!
sempre a escrever, a ler, sem poder descansar.
Maldicta escola! Ó Deus! mais me valera a morte!»
Vendo um bicho da seda, inda exclamou: «Pateta!
Como podes fiar tua propria prisão?»
O verme respondeu: «Trabalho com amor,
que d'esta escuridão,
depois de immensa lucta, hei-de ser vencedor
e sahir borboleta!»



1.^a Que sentia o estudante ao ver a borboleta? — 2.^a Que se entende por inveja? — 3.^a Para que fim trabalhava o bicho da seda? — 4.^a O menino que estudar não estará nos mesmos casos? — 5.^a Que significa a palavra *lucta*?

V

A ROSA

Luiz entretinha-se no jardim a desfolhar uma rosa purpurina, quando chegou Alice.

— Que é isso, Luiz, desfolhas uma flor tão bonita, tão fresca, tão nova, que nos enfeitava o jardim! Pobre roseira! vê como fica triste, só tem folhas... mau!

O pequenito, envergonhado, olhava para a irmã com os olhos muito abertos; depois, tomando uma resolução, respondeu:

— Não faz mal, amanhã nasce outra.

— Mas quanto mais melhor. És então da opinião de que eu podia ter morrido desde que tu havias de nascer?

— Isso não! Se tu não vivesses, que seria de mim? e coitadinha da mamãe, como havia de chorar! Lembro-me bem de quando morreu o filho da vizinha: os gritos que ella dava!

— Está ahí; pois é assim, meu amor. As mães, por terem muitos filhos não deixam de sentir a morte de um d'elles.

— Mas, Alice, a roseira não é gente, não soffre, nem chora...

— Enganas-te; as plantas sentem, vivem e morrem como nós. Não comprehendem a nossa linguagem, mas dão-nos a sua, que é o aroma, que nos deleita. Precisam dos carinhos da rega, da póda, da cultura emfim, assim como nós precisamos dos mimos maternas. Apprende, meu Luiz, que não se deve desfolhar uma flor; faze por conserval-as, nunca por destruil-as.

— Alice, se é assim, para que as colhes?

— Para embellezar a nossa casa, meu amor; um ramo alegre tanto a vista! Mas eu não digo que se não apanhem flores; o que não quero é que as inutilizem. Repara que não duram um dia só os ramos que eu faço; mudo-lhes a agua, prolongando-lhes a vida tanto quanto possível.

— E as plantas não choram esse apartamento?

— Sentem, mas teem ao mesmo tempo um certo contentamento em vel-as dar alegria aos outros... São como as mães, quando as filhas se casam; separam-se, mas como as vêem muito amadas, consolam-se. Desfolhar, esfrangalhar uma flor mimosa e sem defesa, é que é triste e muito feio, Luiz!

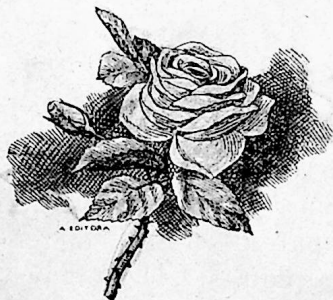
Calou-se a meiga Alice, e o irmãozinho então poz-se de joelhos, ajunctando as petalas da rosa disseminadas na areia; reuniu-as todas, sentou-se na grama do canteiro e tentou unil-as

no calice ; baldado esforço ; a rosa nunca mais tornaria ao que fôra !

— Olha, Luiz, tornou de novo Alice, podias trabalhar annos e annos, que não conseguirias o teu intento. Isso que te parece tão simples reanimar esta singella flor, é impossivel. Ha porem, um meio de reparares o teu crime: espeta na terra humida o galhó que arrancaste, e terás na primavera proxima a recompensa do teu arrependimento.

O pequeno e obediente Luiz plantou logo a roseira ; por isso na primavera terá flores, que lhe hão de alegrar a vista e a alma, trazendo-lhe á lembrança o conselho da irmã !

«Faze por conserval-as, nunca por destruil-as!»



1.ª Porque ficaria triste a roseira ? — 2.ª Que é saudade ? — 3.ª De que carinhos precisam as flores ? — 4.ª Ha sempre meio de reparar uma falta ? — 5.ª Que deve fazer quem se arrepende ? — 6.ª Que é primavera ? — 7.ª Quantas são as estações do anno ? — 8.ª *Conserval-as* é uma ou mais palavras ? — 9.ª Porque é que n'este caso *as* não é artigo ?



VI

Um heroe

Cesar era o denodo em miniatura,
um lindo valentão!
Sem luz corria qualquer sala escura...
Era em tudo o ideal da travessura,
mas... que bom coração!

Depois da febre atroz, disse ao menino
um dia o bom doutor:
«Basta de xaropadas e quinino,
banhos de mar agora, e fica fino
o meu traquinas-mór.»

Eis Cesar jubiloso ; o dia inteiro
cantou, sem descansar :
foi com o papae comprar, por bom dinheiro,
uma roupa gentil de marinheiro,
e levaram-n'o ao mar.

Em frente á movediça immensidade
eil-o . . . a tremer tambem ;
mas reagiu e disse : « Que vontade
tinha de mergulhar ; isto é verdade,
mas, não me sinto bem . . . »

Puderam convencil-o a muito custo
a deixar-se despir ;
mas quando o ergueu o *biceps* robusto
do banhista, ficou hirto de susto,
e quasi a succumbir.

Entrava então um grupo de rapazes
no mar, levando um cão
feio, magro, a morrer e pertinazes
tentavam afogal-o. Eram capazes
de tudo. Que afflicção !

Abraçado á mamãe, envergonhado,
o anjinho, com terror
olhava para o mar encapellado,
mas, reparou no barbaro attentado
e murmurou : « Que horror ! »

Deu um grito, e fugindo inconsciente
do collo maternal,
entrou no mar correndo e *incontinenti*
furtou á morte a victima fremente.
Bravura divinal!

E de pé, todo envolto em branca espuma,
inundado de luz,
deixou passar as vagas uma a uma,
sem recuar um passo, porque, em summa,
o amor do bem seduz.

Poz em fugida os *maus* uma creança
com um sereno olhar!
E quando Cesar viu a vaga mansa
beijar-lhe os pés em festival bonança,
disse: «Eu te adoro, ó mar!»



1.^a Que é denodo? — 2.^a É uma virtude a coragem? —
3.^a Que é preciso para ser heroe? — 4.^a Qual é o feminino
d'este substantivo? — 5.^a Que especie de palavra é *movediça*?
— 6.^a Sabes o que é *biceps*? — 7.^a É portugueza a palavra *in-*
continenti? — 8.^a Qual foi a heroica acção de Cesar?

VII

Historia de um vintem contada por elle mesmo

É singular a minha vida.

Passo de mão em mão, sempre cubiçado e sempre cedido!

Realizo o moto-contínuo, ando num circulo, não vejo o fim da minha carreira.

Aonde irei eu? Não sei! De onde vim? Da soberba montanha onde nasci, onde me foram buscar os mineiros, que me trouxeram para uma grande fabrica! Passei pelos mais horrorosos transes, lavaram-me, abrazaram-me, fundiram-me, cunharam-me! Homens e machinas torturaram-me sem piedade; e no fim de tão barbaros processos, chamaram-me... vintem!

Só depois de muitas impertinencias me puzeram ao ar livre.

Principiei o meu giro. Cahi desastrosamente nas mãos de um usurario, que me fechou cheio de cautela na gaveta da sua burra

repleta de moedas d'ouro e de prata! Essas riram-se de mim num tilintar sonoro, chamando-me pobretão!

Um dia, porém, apertou a fome ao usurario e elle trocou-me por um pão duro e sem sabor. Fui desgostoso. Indignava-me aquillo. A avareza é revoltante.

O padeiro, por sua vez, trocou-me por uns confeitos duros como pedras; o confeiteiro por um cigarro secco; o cigarreiro por um bilhete, que sahiu branco, numa feira; e assim andei de mão em mão, sempre humilhado, sempre a mal-dizer a minha vida, até que um dia, no jogo do peão, cahi por sorte a um menino, que me elevou no meu proprio conceito. Eu estava num cantinho da sua algibeira, quando uma velhinha, sentada á esquina, lhe disse:

— Meu filho: dê uma esmolinha para matar a fome a esta desgraçada!

Ouvindo aquella debil voz, o menino metteu a mão no bolso e tirou-me de lá. Áquelle contacto estremeci numa commoção extranha. Elle abriu os dedos e deixou-me cahir no regaço da velhinha. Foi o meu primeiro momento de prazer. Os labios frios da mendiga beijaram-me, molharam-me as lagrimas dos seus olhos!

— Deus lhe pague! murmurou ella com a voz tremula ao seu protector.

— Sim! Deus lhe pague, disse eu tambem; não só porque matou a fome a uma

desgraçada, como porque me fez consciente do meu valor!

Estou de novo na gaveta do padeiro, onde a velhinha veio comprar pão. D'esta vez sinto-me tranquillo e á vontade. É que ao separar-me do usurario eu não me comprehendia, e agora entendo a minha missão, e abençoô até os horrorosos transes por que passei!



1.^a Quem é o protagonista neste conto? — 2.^a Por que transes passou o vintem? — 3.^a Em que mãos cahiu elle logo que principiou o seu giro? — 4.^a Que é *um usurario*? — 5.^a Que se entende por *avareza*? — 6.^a De que se alegrou o vintem? — 7.^a É então uma felicidade fazer bem? — 8.^a Que quer dizer *eleva-se no proprio conceito*? — 9.^a Duas palavras derivadas do substantivo *commoção*?

VIII

O bem

DE LUIZ RATISBONNE

Iam tres amiguinhos, tres creanças,
a caminho da escola. Um d'elles disse :
— Se eu estudar bastante, o meu paezinho
prometteu-me uma libra. Que festanças
farei !

— Pois eu, responde com meiguice
o segundo, ficando bem quietinho
dá-me um beijo a mamãe. Diz o terceiro :
— Eu orpham sou, não tenho um seio amigo,
nem pae, nem mãe nem tecto hospitaleiro.
Quero estudar sem outra recompensa
que o prazer de ser bom. Ah ! se o consigo ! . . .

Fazer bem pelo bem, virtude immensa !

1.^a A recompensa é um incentivo ? — 2.^a Que especie de
moeda é uma libra ? — 3.^a A quanto corresponde da nossa
moeda ? — 4.^a Temos unidade monetaria ? — 5.^a Que é ser or-
pham ? — 6.^a Que devemos nós a nossos paes ? — 7.^a Como de-
vemos fazer o bem ?

IX

O Gago

Ia-se pondo o sol. Pelas largas janellas, sem cortinas, entravam a brilhante claridade vermelha do radioso astro e o perfume penetrante dos festões de rosas-chá.

Recostado nos joelhos da mãe, o pequeno e louro Ernesto ouvia embavecido umas historias de princezas encantadas, quando na porta do terraço se destacou o grande vulto sombrio de um vizinho pobre, que ia offerecer á venda umas aves.

O infeliz era gago, e foi com immensa difficuldade que disse:

— Minha senhora... sou muito pobre... vim pedir-lhe que me soccorra, comprando-me estas perdizes...

De tal modo gaguejou elle estas palavras, que Ernesto, admirado, desatou uma gargalhada argentina e fresca.

— Oh! que coisa feia! um homem fallando tão mal, que vergonha!

— Cala-te, meu filho! não sejas mau; deves ter pena e não rir. Aquillo é um defeito da natureza, uma infelicidade a que qualquer de nós está sujeito. Ouve-o com caridade... respeita a desgraça, meu anjo.

Voltando-se para o velho, mandou-o a senhora continuar, mas o pobre homem, envergonhado, sentia cada vez mais tarda a falla e não pôde articular um som. Por fim fez um esforço, e a muito custo balbuciou: «não posso!» Saltaram-lhe as lagrimas; e Ernesto então, comovido, correu para elle e, extendendo-lhe os bracinhos, murmurou com meiguice:

— Perdôe-me!

Bemdicto seja aquelle que repara o mal que fez, pois ficae certos, meninos, que em vez de humilhar-se, eleva-se quem pede perdão para lavar a consciencia de uma culpa.



1.^a Que é ser gago? — 2.^a Cura se a gaguez? — 3.^a Que differença ha entre gago e mudo? — 4.^a De que provem quasi sempre a mudez? — 5.^a Póde-se fazer fallar a um surdo-mudo? — 6.^a Temos algum instituto para os surdos-mudos? — 7.^a É vergonha fallar mal? — 8.^a Que é preciso para fallar bem? — 9.^a Quem pede perdão humilha-se? — 10.^a Que se entende por *lavar a consciencia*?

X

Vingança

DE LUIZ RATISBONNE

Ignéz corria atraz da irmã, levando a mão cheia de pedras. — Má! Espera; vaes pagar o teres-me batido, eu vou...

— Eis vê chegar a mamãe, que lhe diz: — Calmemo-nos, então! — Paula bateu-me; assim, preciso defender-me. — Abre essa mão primeiro e atira as pedras fóra. Ignéz obedeceu.

— Bem, minha filha, agora repara: ao apanhar as pedras, arrancaste, sem suspeitar sequer, uma violeta inerte, que, cega pela raiva, inconsciente, esmagaste.

Vê como a doce flor castiga a tua offensa: P'ra vingar-se de ti a mão te perfumou. Ignéz, sentindo então uma vergonha immensa, curvou a cabecinha e tremula córou.

— Filhinha, disse a mãe com meiguice e doçura, debes vingar-te, sim... como a violeta o fez.

.....
E a perfumada mão, tão pequenina e pura,
á irmãzinha estendeu, arrependida, Ignez.

1.^a Que é vingança? — 2.^a Qual é a virtude contraria á ira? — 3.^a Qual foi a vingança da violeta? — 4.^a Não é esse o melhor meio de nos vingarmos? — 5.^a Devemos mostrar-nos sempre superiores aos que nos offenderam? 6.^a De que modo?

XI

Muito mais

DE LUIZ RATISBONNE

Perguntaram a Oscar, o rei dos joviaes,
(creio que esta pergunta era de uma visinha):
A quem amas tu mais, ao papae ou á mãezinha?
Oscar respondeu logo:

— Amo aos dois *muito mais*!

1.^a Como devemos amar a nossos paes? — 2.^a Que respondeu Oscar? — 3.^a Está bem empregada a expressão *muito mais*?

XII

O retrato da avó

O pequeno Heitor, lindo como os amores, alegre como um gorgoeio, lembrou-se um dia de uma aventura galante. Tinha elle então tres annos. Esta va só, completamente só. A mãe, no interior da casa, dava ordens a uma criada nova.

Em fraldinha de camisa, com os mimosos pés assetinados nus, e os cabellos soltos, viu pela fresta da porta do quarto o violoncello do pae encostado numa parede da sala.

Que tentação! Poderia livremente tocar, tanger aquellas cordas, tirando uns sons melodiosos, que fariam chorar de commoção a mãe e receber por isso beijos, applausos e doces!

Formulada esta hypothese, não hesitou o

meu querido Heitor. Viu-se no grande espelho do guarda-vestidos e pensou:

Que era indecente ir tocar descalço... lá isso era! Oh! mas alli estavam as botas do pae! Excellente! e Heitor calçou-as. Depois reflectiu, e bem, que não estava completo; poz então no narizinho uns oculos escuros e na cabeça um grande chapéu alto.

Lá se foi o nosso heroe aos trambulhões até o instrumento, que, impassivel, mudo, parecia esperal-o.

Esphyngue curiosa!

Heitor extendeu a mãozinha gorda e branca para o arco, olhou triumphante para o retrato da avó, unica espectadora, e deu começo á symphonia. Principiou mansamente; depois foi num *crescendo* orchestral, atordoador, impossivel!

Com os olhos fechados apertadamente, movia o corpo enthusiasmado, gritando na sua meia lingua: — «Muito bem!»

Alvorçada com a bulha, a mãe correu á sala, e ao ver aquelle figurão gracioso, só se lembrou de uma coisa: da zanga do marido ao encontrar desafinado o violoncello.

Cega pelo desespero, correu para o filho, tencionando punil-o.

Vendo-a, a creança, assustada, apontou para o retrato da avó, desculpando-se assim:

— Vóvó pediu!

A boa senhora então, commovida, contem-

plou o retrato da mãe e achou-o tão meigo, tão cheio de candida expressão, que parecia mesmo dizer-lhe: — «Perdôa-lhe! eu estava a gostar de ouvi-lo».



1.^a Que é *tentação*? — 2.^a Podemos sempre resistir-lhe? — 3.^a Como se chama a faculdade que dá o poder de resistir á *tentação*? — 4.^a Os animaes irracionaes também teem *livre arbitrio*? — 5.^a Que é *esphynges*? — 6.^a Que significa a expressão *orchestral*? — 7.^a De que mentira se valeu Heitor para livrar-se do castigo? — 8.^a Heitor já tinha responsabilidade moral dos seus actos?



XIII

Meiguice

Deram á linda Clarisse
uma gatinha mimosa,
tão branca, tão carinhosa,
tão engraçada, tão mansa
que a encantadora creança
pôz-lhe o nome de — *Meiguice*

Tinha bom leite ao almoço
e biscoitos e bolinhos;
dormia em sedas e arminhos,
e *ronronava* fagueira
quando sentia a colleira
de fita azul, no pescoço.

Clarisse amava de veras
a bichinha côr de neve,
e a gata, nervosa e leve,
adorava a pequenita;
e tinham graça infinita,
estas amigas sinceras!

Veio Raul, o mais louro
e traquinas dos rapazes,
forte e audaz entre os audazes,
fanfarrão e desordeiro;
correu a casa ligeiro
indo encontrar o thesouro,

a doce e branca Meiguice
deitada commodamente
na cama fofinha e quente
da prima, e gritou: — Que vejo?
um bicho tão malfazejo,
sobre o leito de Clarisse!

E... zás, suspendeu a gata
pela colleira de fita,
atirou a pobresita,
ao jardim e, satisfeito,
foi contar o heroico feito
á priminha.

Na cascata

debatia-se Meiguice,
miando, fria, transida,
a morrer.

O gaticida
sentiu remorso pungente
ao ver o pranto tremente
no olhar azul de Clarisse;

e... correndo, denodado,
deitou-se ao lago profundo,
(dois palmos d'agua); do fundo
tirou Meiguice, e offegante
disse em tom dilacerante:
— Salvei-a!

— Estou perdoado?



1.^a Quantas estrophes tem esta poesia? — 2.^a Que é uma estrophè? — 3.^a Quantos versos tem cada uma d'estas estrophes? — 4.^a Quantas syllabas tem cada verso? — 5.^a Que nome tem a estrophe de seis versos?

XIV

Os morangos

Maria era uma brutinha, filha de um jardineiro. Teria os seus oito annos e passava o dia a ouvir reprehensões, porque o pae não lhe permittia tocar nos canteiros, vedando-lhe as plantas todas; e ella, como creança, coitadinha, sentia tentações gulosas ao ver os pecegueiros vergados ao peso da fructa, já amarella, carnuda, appetitosa... ao ver os cachos de uvas, negras, vidradas, pendentes d'entre a folhagem de um verde claro e macio da pequena parreira, e os grupos doirados das ameixas, e os jambos rosados e lustrosos... E tinha de olhar de longe para tudo aquillo, que lhe fazia crescer agua na bocca, porque o pomar não era grande, e o patrão, conforme affiançava o jardineiro, contava até... as amóras!

Assim ia vivendo Maria, resignando-se a

comer unicamente a fructa abandonada por incapaz de apparecer na mesa do dono, ou por ter dado abrigo a algum bichinho importuno, ou por ter cahido ao chão, batida pelo vento ou pela chuva durante a noite, o que fazia com que Maria não temesse e até desejasse as tempestades.

Mas houve um tempo de prolongada calma. As noites eram tépidas, claras; nem a mais leve aragem agitava a ramaria espessa; os dias quentes, sazoadores de quanta fructa houvesse; as manhãs esplendidas...

Ai! foi numa manhã que a pobre Maria se ia perdendo, levada pelo peccado da gula!

Andava ella pelo pomar, vendo o pae colher morangos a mandado do patrão, que alli estava em pé, como um policia, o maldicto do homem! Ella tinha-lhe medo, um medo de fazer tremer; por isso, quando elle lhe disse: — Anda, pequena, ajuda teu pae —, ella curvou-se immediatamente e com as suas mãozinhas trigueiras ia afastando a folhagem orvalhada e fresca para colher os morangos, vermelhos como os seus labios, humidos como os seus olhos. D'esta vez, pensava ella comsigo, eu como um morango, novo, bem madurinho e gostoso... e dava estalinhos com a lingua e lambia os beiços.

Cuidava ella que o patrão recompensaria o seu trabalho. Pois sim! olha quem! Elle sentara-se perto, mandara vir um prato e entretinha-se em armar em pyramide os morangos, que tanto

ella como o pae colhiã. Pouco a pouco foi perdendo a esperança; tacteava a folhagem e ao pousar os dedinhos numa das fructas cubiçadas, engulia em secco e piscava os olhos. Quando viu que de todo era loucura esperar a caridade d'esse senhor tão mesquinho, passou, como gato por brasas, as mãos por um morango maduro, cobriu-o mais com as folhas para que não fosse visto, e, levantando-se, poz-se a pensar de que modo poderia, durante o dia, vir buscá-lo.

O patrão armara a pyramide, mas de repente disse ao jardineiro: «Homem, veja lá se me arranja mais um, para rematar isto aqui em cima.» O jardineiro esquadrinhou, mas qual! d'aquelle lado já não havia nada. Passou para o da filha. Maria estremeceu. D'ahi a pouco o velho levantava-se triumphante — tinha apanhado o ultimo morango, e que bello que este era! Maria viu-o passar para as mãos do patrão, pensando consigo:

— Que desaforo! rouba-me a minha fructa.

Momentos depois estava sózinha naquelle logar.

O amo mandara o prato para dentro e sahira para a rua; o pae fôra regar umas roseiras do lado opposto áquelle.

Maria caminhou: subiu audaz os dois degraus do terraço, sombreado por um toldo riscado, e penetrou numa bella sala de jantar cheia de aparadores, porcellanas finas e umas estatuas alegres de terra-cóta; mas que lhe importavam

a ella as estatuas coroadas e risonhas, e as begonias dos grandes vasos com figuras em relevo, e as porcellanas finas? Ella entrara atraz dos morangos, que alli estavam sobre a mesa, ao alcance da mão, que lhe sorriam e que a tentavam! Maria olhou em roda: a casa estava silenciosa... extendeu o braço com precaução e, delicadamente, poz a mão sobre o prato; tirou o *seu* morango, comeu-o todo de uma vez... Que delicia! De novo extendeu a mão, mas, sentindo um leve rumor, retirou-a com precipitação; os morangos então desabaram, espalharam-se pela mesa e pelo chão, como um colar de coraes, a que uma creança caprichosa tivesse arreventado o fio.

Maria, tremula, olhou para traz e viu a filha mais velha do amo, Lucia, menina franzina, delicada como um botão de rosa, pallida como um raio da lua.

A infeliz Maria viu-se perdida, sentiu-se corada de vergonha. Lucia ia a fallar, quando entrou sua mãe, uma senhora severa, com um lindo roupão de cauda todo enfeitado de rendas...

— Que é isso?! inquiriu ella, franzindo as sobrancelhas e fixando Maria. Quem ousou tocar nos meus morangos? tu?!

— Fui eu, minha mãe; respondeu a vozinha doce de Lucia; perdôe-me, sim? E, fazendo uma momice graciosa, deu-lhe dois beijos nas mãos.

— Perdôo-te; mas olha que o que tu fizeste não é bonito.

.....
Por muito tempo Lucia repartiu com Maria o seu quinhão de fructas; mas agora, que ella já não tem pomar, nem jardim, pois que seu pae falliu e tudo entregou aos credores, é Maria quem lhe leva na estação das fructas, hoje que o velho jardineiro é possuidor de uma pequena propriedade, lindas pyramides demorangos, vermelhos como os seus labios, humidos como os seus olhos.



1.^a Que é pomar? — 2.^a Qual é o synonymo de pomar? —
3.^a Que é uma arvore fructifera? — 4.^a Qual o verbo cognato de
sazonador? — 5.^a Que significa fructo *sazonado*? — 6.^a Que se en-
tende por *peccado da gula*? — 7.^a Qual é a virtude contraria á
gula?

XV

Amor supremo

DE LUIZ RATISBONNE

— Todas tres me adoraes, mas porque me adoraes?

— Eu, porque ninguem mais
do que tu me acarinha,
realiza os meus desejos,
com bonecas e beijos.

— Muito bem. É um amor, querida Luizinha,
como ha muitos, bem sei, feito de gratidão
e de interesse. Assim, provas não ser ingrata
e ter bom coração.

E tu, minha formosa e travêssa Renata,
por que dizes amar-me?

— Porque ninguem é bom, como tu, neste mundo.

— Firma-se na virtude esse affecto profundo.
Admiravel!

Agora é tua vez, Leonor.

— Eu amo-te, porque... eu amo-te... talvez...
Sinto que te amo, sim... mas... não posso explicar-me;
é mais forte que eu sou, não sei porque, bem vês.
—Dá-me um beijo, anjo lindo. Eis o supremo amor!

1.^a Que especie de palavra é supremo e em que grau de significação está? — 2.^a Qual o motivo do *amor de Luizinha*? — 3.^a Que é ser interesseira? — 4.^a Qual a razão do *amor de Renata*? — 5.^a Que significam as reticencias de Leonor? — 6.^a Qual é a moralidade d'este conto?



XVI

Biographia de uma aranha

Nasceu no campo, entre umas folhas de piteira agudas como espadas.

Não foi inscripta em registro algum. Nenhuma formalidade lhe foi exigida. O caso é que nasceu e que vivia. Cresceu mostrando-se sempre digna da sua especie. Era diligente e

activa. Lembrou-se um dia de ir para o casarão de um velho cura, onde, num recanto da despensa sombria e humida, teceu o fio da sua teia numa lida tão ardua, que faria dó a quem quer que a visse!

Estendeu de parede a parede as linhas prateadas, finas, tenues como o mais tenue fio da mais fina seda; depois, cuidadosa, célere, foi de circulo em circulo sobre aquellas, tecendo novas linhas na mais perfeita fórma geometrica.

Estabeleceu-se então feliz, alli, entre os raios da roda que fizera.

Fôra insano o trabalho; mas, quanto mais custosa é de obter-se, mais se gosa a tranquillidade.

Depois de tantos esforços, vivia alli soccgada, quando a irmã do padre, um dia, zelosa pelo asseio, deitou-lhe a casa a baixo. A aranha, estremecendo, fugiu. Quebrou-se a teia. Tudo desapareceu.

No outro dia, lá volta a aranha, pertinaz, e no mesmo canto d'onde desabara na vespera a sua felicidade, recomeça, cheia de paciencia, nova teia.

Desenrola uns fios longos, finos, corta-os em circulos successivos, taes quaes os da casa destruida.

Mas ai! as mesmas mãos voltam a derrubar-lhe a nova habitação!

Não se desalentou a pobre aranha; na lucta

pela vida, continuou sempre a trabalhar, até que uma occasião viu morrer, esmagado pela irmã do cura, o seu unico filho!

Ficou-se então no alto, esmorecida, quieta; e, ou fosse desgosto, ou idade, é certo que de lá só desceu morta, torcida, encarquilhada, toda envolta nos fios por ella mesma tecidos!

Não teve pompas, não teve funeraes, mas tambem ella, o insecto repugnante e venenoso, cahiu, como as pétalas da rosa, que ninguem teve animo de cortar da haste!



1.^a Que se entende por *lida ardua*? — 2.^a Que é *tenue fio*?
— 3.^a Que é *célere*? — 4.^a Que é *circulo*? — 5.^a Que se entende
por *circulos concentricos*? — 6.^a Que é *fórma geometrica*? —
7.^a Quaes as palavras cognatas de *aranha*? — 8.^a Qual a moralidade d'este conto?

10
XVII**O ninho da patativa**

Laurinha andava cansada
de correr pelo pomar,
atraz de azul e doirada
bôrboleta;
ficou afinal sentada,
tão quieta,
a travessa feiticeira!
em baixo de uma romeira,
a scismar...
Nem podia respirar.

Talvez Laurinha quizesse
numa fructa pôr a mão
e meditando escolhesse,
caladinha,
a que mais lhe appetecesse.
Ó Laurinha!
Não hesites, colle aquella,
a mais vermelha e mais bella,
que senão
colhe-a teu travesso irmão.

Laurinha nem se movia,
olhava com fixidez
para o mais alto raminho
e pensava :
Como é lindo aquelle ninho !
Gorgeava
bem perto uma patativa,
ave que a attenção captiva
tanta vez !
Mãe da ninhada, talvez.

N'isto a mamãe da janella :
— Laura, vem cá, minha flor,
chegou a prima Arabella,
quer beijar-te.
Laura diz com voz singella :
— Vou deixar-te,
mas não penses que te esqueço,
passarinho ; se adormeço,
sonho, amor,
com teu ninho encantador.

No mesmo ramo pousado
espera, que eu hei de vir
trazer-te o melhor bocado
do almoço.
Em teu ninho perfumado
que alvoroço !
Que immenso contentamento !
Nunca mais um só lamento
se ha de ouvir ;
não vás agora . . . fugir.

Laura subiu. Noite adiante
um medonho furacão
com seu açoite cortante
 poz em terra
o ninho... Á mãe cruciante
 dôr aterra;
voa tresloucada, a esmo,
té que teve o vento mesmo
 compaixão
e arremessou-a ao chão.

E foi ao pé dos filhinhos
que a patativa morreu.
Entreabriram os biquinhos
 num desejo
de expirarem unidinhos
 num só beijo,
talvez! As azas de uma ave
nos mostram quanto é suave
 lá no ceu
o amor dos anjos. Correu

Laurinha, toda contente,
depois do almoço ao pomar;
levava um bolo excellente
 entre flores!

Imaginae, vendo em frente
 seus amores
inertes, inanimados,
a dôr, a magua, os cuidados,
 o chorar,
d'essa formosa sem par!

Guardou o ninho, lembrança
da alegria fugitiva
da sua affeição primeira,
aquella loira creança!
e á sombra da alta romeira
às aves deu sepultura.
Sobre essa campã cultiva
a flor da tristeza, a escura
saudade roxa. Saudosa,
esquece as maguas, que és rosa,
encantada jardineira.



1.ª Que quer dizer *cruciante dôr*? — 2.ª Que significa *vôa a esmo*? — 3.ª Qual a equivalente d'essa locução? — 4.ª Qual é o fructo da romeira? — 5.ª Que sentimento exprime o procedimento de Laurinha?



XVIII

O remendo

Num dia sem sol, frio e humido, lá foi para o campo a pobre Joanninha tomar sentido nos carneiros e nos porcos do padrinho.

O vento entrava-lhe pelos rasgões do vestidinho de chita já muito desbotado, e as pernas finas, nuas, trigueiras, batiam-se tremulas; os dedos hirtos mal seguravam a agulha, que ella levava para remendar a saia.

Cosia. Os pontos eram de metter medo,

enormes, mas eram pontos, eram trabalho, eram boa vontade.

Ninguém a ajudava. Fôra engeitada; recolhera-a o velho Anselmo, que, como tinha muitos filhos, não podia dar-lhe o pão; vendia-o, pois, fazendo-a zelar meia duzia de animaes que possuia.

A pequena não se queixava nunca. Logo de madrugada despertavam-n'a brutalmente dos sonhos, em que só lhe era dado gosar um pouco; erguia-se a custo e lá ia para o campo, onde ficava sózinha horas e horas!

Quando havia sol, bom era; mas quando fazia frio, punha-se a triste Joanninha agachada a um canto, encolhendo as pernas e esticando o vestido para agasalhar-se.

Nessa manhã então havia tanta humidade, um ar tão gélido e penetrante, que Joanninha mal sustinha a agulha; comtudo, era preciso coser; o vestido assim rôto era uma vergonha e pouco lhe serviria se o não concertasse. Com sacrificio, principiou a deitar um remendo de chita côr de rosa sobre a sua saia azul. A linha embarçava-se, dava nós; espetou os dedos, fez sangue, mas não desanimou. Attenta, cuidadosa, curvava-se para a costura com verdadeira tenacidade.

Quando acabou, sentiu-se moída, doíam-lhe muito as costas, mas ficou satisfeita, orgulhosa com o seu trabalho! Aquella nesga côr de rosa no fundo azul brilhava aos seus olhos, trazendo-lhe

á lembrança a nuvenzinha que vira pela manhã na liza placidez anilada do ceu.

Quando á tarde voltou á villa, riram-se d'ella uns pequenos sem coração, que lhe perguntaram cheios de ironia :

— Ó Joanna, quem é a tua modista ?

A pequena, cabisbaixa, não respondeu e foi andando. Chegou por fim á casa. A filha do padrinho, ao vel-a, riu-se tambem, dizendo á irmã mais moça :

— Como é feio um remendo !

Joanna curvou silenciosa a cabeça.

Então o velho cura, que alli se achava de visita, perguntou :

— Quem te concertou o vestido, Joanninha ?

Ella, tímida, vermelha como um bago de romã, balbuciou a medo : « Fui eu . . . »

— Vem cá, meu amor, e dá-me um beijo. A menina, envergonhada, approximou-se, e o velho continuou :

— A filha do teu padrinho enganou-se. O remendo não é feio ; ao contrario. Eu por mim confesso que nunca te vi tão bonita como te vejo hoje ! Porque ? Porque trazes o vestido remendado por ti ! É que leio a tua boa alma neste quadradinho de chita. O remendo, minha filha, prova-me que és cuidadosa, economica e trabalhadeira . . . Vamos lá, não chores ! então ? !

E o velho, affectuoso, acariciava a pobre pequenita, que, se chorava, era de commovida. Se nunca ninguem a amimara assim !

Comprehendendo-a, o cura tomou-a á sua conta; deu-lhe vestidos novos, pôl-a num collegio, fel-a feliz, e conserva ainda num cofre, como uma reliquia, o vestido que a sua Joanninha remendou, e que lhe ha de ser entregue com o dote na cesta do enxoval!



1.^a Que quer dizer engeitada? — 2.^a Quaes as qualidades que realçam o caracter de Joanninha? — 3.^a Qual a censura em que incorreu a filha do padrinho? — 4.^a Que lição se tira d'este conto?

XIX

Ariel

Lucia tinha um cãozinho gracioso,
um galgo tão bonito,
negro como azeviche e tão nervoso,
que parecia electrico. Pedrito
tinha uma bella espada
e um ar de *mata-mouros*.
Tinha olhos azues, cabellos louros.

Eram gêmeos, mas Lucia, delicada,
a uma flor de estufa semelhante,
parecia mais moça e mais franzina:
devia ser assim, se era menina!
Pedrito, sempre armado, ia arrogante
desafiando a todos, ceus e terra,
e ninguem respondia á voz de guerra.

Só o galgo, Ariel, numa surdina,
rosnava ao avistar a barretina
do indomito guerreiro;
e o nosso general, brioso em tudo,
obrigava o cãozinho a ficar mudo
com um golpe certo
que lhe dava no lombo luzidio.
Lucia chorava e o *meigo Trinca-fio*
implorava o perdão, dizendo: — E esta!
não querem ver a Lucia, que eu adoro,
a lastimar um cão que me detesta!
Se choras mais, ó Lucia, eu também choro!

Uma tarde Ariel não apparece:
roubaram-n'ó, talvez, Lucia enlouquece,
falla em morrer, tem febre e nem os beijos
dos paes, nem as caricias e gracejos
do padrinho, que é medico, alcançaram
que ella sorrisse. Pedro, assim que entraram
para o quarto da irmã, silencioso
tomou o cinto, a barretina, a espada,
e sahiu sem ser visto: entrou medroso
num bazar e vendeu por quasi nada
toda a sua ventura.

Então voltou a casa alegremente,
chegou-se á pobre Lucia, consternada,
beijou-lhe a fronte pura...
e pousou sobre a cama alvinitente
o preço do seu bem, e commovido

murmurou: — Não perdeste, anjo querido,
o teu negro Ariel, eu vou ligeiro
em busca do cãozinho, que amas tanto.
Compral-o-ci, bem vês, temos dinheiro.

— O' fraternal amor, és bello, és santo!



1.^a Que é um decasyllabo? — 2.^a Quantas syllabas deve
ter o quebrado de um decasyllabo? — 3.^a Que significa *indo-
mito guerreiro*? — 4.^a Quaes os synonymos de indomito? —
5.^a Que significa *mata-mouros*, *Trinca-fio*? — 6.^a De que é exem-
plo este conto?

XX

A costureira

Passa todos os dias na minha rua uma pobre costureira, que me faz lembrar uma boneca que tive.

Quando a vejo subir a ladeira, de cestinha no braço, a andar ligeira, a pallida filha da pobreza honesta, passando sem levantar os olhos para as janellas, sem ver mesmo os que andam a seu lado, como se fosse absorvida nos seus pensamentos, recordo-me immediatamente da mais modesta das minhas antigas companheiras da infancia, da mais sympathica, da mais pobre e da mais feia talvez.

Nós não nos esquecemos nunca do tempo saudoso da intimidade com esses pequenos entes a quem emprestamos uma alma e com ella um genio e um modo de viver; e é por isso que a pobre operaria me traz á memoria a minha humilde boneca, que era um exemplo, um verdadeiro symbolo de modestia, tanto que logo á primeira vista os menos investigadores lhe notariam essa qualidade, que transparecia no modo de vestir, de *andar*, de *fallar*, de *ser boa*, em tudo.

É por isso que me parece vel-a em ponto grande, todas as manhãs e todas as tardes, quando vae para a officina ou d'ella volta, a humilde apprendiz de modista.

Mal sabe ella, a preocupada rapariga, que ao passar por deante da minha casa, imaginando provavelmente a felicidade que desfructam as donas d'aquelles vestidos de velludo e de setim, obra das suas mãos, que nesse mesmo instante a segue e a acompanha um olhar de mãe, que revê nella a filha morta!

E como não ser assim, se ella é tal e qual?

Baixinha, cinturinha fina, cabellos negros, lizos, bem entrançados, vestido de chita claro, simples, avental preto, toda ella sem um enfeite, sem uma fita, sem uma flor sequer.

Nunca indaguei, nem indago, qual o nome da que hoje me retrata a imagem da minha Julieta, porque devo dizer que a minha boneca se chamava Julieta, nome que não lhe ia muito bem, por ter ella antes um typo burguez, ou de uma verdadeira dona de casa, asseada, trabalhadeira, activa, que nunca, estou certa, idealizou um Romeu; por isso, o character da minha creaturinha se conservou sempre com o perfume infantil, o perfume religioso, caseiro, que a acompanhou até o fim.

Era tão boa e generosa a minha Julieta, que não me posso furtar ao desejo de relatar um dos episodios da sua vida.

Eil-o:

Uma noite passeava eu na tentadora rua do Ouvidor. Na vidraça de uma loja havia uma exposição attrahente, a mais importante das exposições que se podem offerecer ás creanças. Era uma sociedade de senhoras bonitas e de bebês adoraveis, brancas como flocos de neve e loiras como as estrellas. Oh! que espectaculo! Principiei a passear os olhos pelos rostos de umas e outras, cada qual mais bello. Era embaraçosa a escolha, mas por fim toda a minha attenção se fixou numa, na mais elegante, na que parecia ser mais alva e ter os cabellos ainda mais dourados.

Sobre o vestido de setim lilaz esbatia-se a luz languidamente, pondo uns reflexos pallidos no rosto d'aquella gentil princeza, que mesmo por isso parecia mais aristocratica do que suas irmãs. Os braços, pendendo-lhe indolentemente, deixavam descoberto o corpo elegantissimo.

O scintillar de um collar de ametlistas que ostentava, deitada entre rendas finas, em volta do pescoço arredondado e branco, accentuava ainda mais a placidez do seu olhar suave e doce.

Com uma das mãos entre as dobras de um lençinho arrendado, pegava num mimoso raminho de violetas, e como que se adivinhava que em torno d'ella havia uma atmosphaera perfumada com as mais delicadas essencias do Oriente.

Era toda ella um portento, desde os bem

concertados anneis da sua cabelleira, até os sapatinhos de setim bordados.

Tanto me fascinou aquella belleza, que m'a compraram.

Levei-a, triumphante e contente. Ao pé d'ella Julieta parecia uma mendiga; pelo que passou desde logo, por muito favor, á categoria de criada da ex.^{ma} sr.^a d. Clarisse.

Foi nessa transformação que mais se revelou a meiga docilidade da pobre pequena; porque na verdade era mesmo preciso ser muito docil e muito paciente para servir a uma senhora tão exigente e orgulhosa, como era a miúda nova predilecta.

Clarisse era nervosa, cheia de pequeninos caprichos. Como soberana que era no salão, queria que todos a attendessem e a servissem antes que a ninguém mais, com uma promptidão frenetica. Gostava de fazer muitas *toilettes* no dia, de passear, de ir a espectaculos, de valsar... ah! ella era louca pela valsa! Numa noite de baile havia em casa uma verdadeira revolução! Então é que a pobre Julieta andava em palpos de aranha; era Julieta para aqui, Julieta para alli, Julieta para acolá!

Queria que a penteasse, que lhe dêsse o pó de arroz, o vidrinho de essencia, tudo em summa, mas entremeado de ralhos, porque a camareira era desageitada, falta de habilidade e de delicadeza!

Pedia o espelho para ver o penteado e ba-

tia raivosa com os pésinhos, por achar que lhe tinha alizado muito os cabellos ; encolerizava-se, chorava até que a frisasse de novo !

Depois pedia a um tempo : as luvas, o leque, as flores, as joias, o lenço, a capa, a mantilha, tudo !

A criada corria como tonta de um lado para o outro, obedecendo cégamente, para só descansar quando, depois de sahir a sr.^a d. Clarisse, envolta nas vaporosas ondas de filó, se deixava cahir prostrada.

Coitada ! enquanto a ama, feliz, ia para o baile, dormia ella socegradamente, sem cortina-dos, numa singella cama com colcha de ramagens, repoisando a cabecinha sem sonhos no travesseiro lizo ; ao passo que a linda princeza, na vertigem da valsa, perdia-se em ondulações pela extensão da sala.

É que eram bem diversos os seus destinos !

Para uma a doce paz da vida, que se consome na utilidade dos outros ; para outra as sofreguidões, os desejos nunca saciados da existencia frivola.

Clarisse, numa das voltas loucas, em que, valsando, se ostentava mais bella, succedeu-lhe uma vez um desastre : desmaiou, mas para não accoradar mais, porque o rosto lhe ficou como se o tivesse mergulhado em vitriolo !

A desgraçada esmagara a cabeça de encontro a um movel do salão !

Julieta voltou aos seus antigos habitos e

viveu, até que um dia... Para que hei-de eu agora contar o seu fim?

Os periodos da nossa vida passam rapidos, comquanto não seja o menos duradouro aquelle que consagramos ás bonecas. Por mim, guardo da minha Julieta a mais viva lembrança, d'ella que foi talvez a mais feia, a mais pequena, das bonecas que tive; mas que tinha qualidades de maior valor que a belleza.

Agora, ó pallida costureira, que passas pela minha porta todas as manhãs e todas as tardes, se sabes ler e o acaso te puzer deante estas linhas, ouve bem o que te digo: se a comparação da humildade de tua vida, com a felicidade que imaginas gosarem essas para quem trabalhas, é que te faz andar assim tão preoccupada e tão triste, abandona esses pensamentos e acredita que ellas são muitas vezes mais desgraçadas que tu.



1.^a Quaes são esses *pequenos entes* a quem a auctora diz *emprestarmos uma alma*? — 2.^a Porque estão em *italico* os verbos *andar, falar, e ser bôa*? — 3.^a Que idéa se pretende exprimir por *perfume infantil e perfume religioso*? — 4.^a Que são *palpos de aranha*? — 5.^a Que é *fabula*? — 6.^a Porque se deve considerar este conto uma *fabula*? — 7.^a Quaes os diversos exemplos de moralidade contidos nesta *fabula*?

XXI

Os ingratos

DE LUIZ RATISBONNE

— Mamãe, dizia Edgardo, as aves são crueis!
Todos os dias eu lhes dou, sem me esquecer,
 migalhinhas de pão.
Ellas, muito depressa, acabam de comer,
e eil-as a voar, por campos e vergeis:
Vê tu que ingratidão!

Assim as andorinhas,
louquinhas!
que, no estio, se aninham no telhado,
se chega o frio, fogem, sem cuidado,
nem pena dos que ficam.
— Tens razão:
mas são aves, bem sabes: teem perdão.

Ha nesta vida ingratos,
a quem damos amparo, amor, conselho e nome;
que veem ao nosso lar comer em nossos pratos,
e fogem sem saudade, assim que não teem fome.
Esses, sim, são os maus: e não as andorinhas.
Ingrato é o homem, só. Enlucta as nossas casas,
sem que tenha, comtudo, a desculpa das azas.

1.^a Que se entende por ingratidão? — 2.^a Que é estio? —
3.^a Quantas são as estações? — 4.^a Qual é a causa das esta-
ções? — 5.^a Que significação tem neste conto o verbo *enlucta*?
— 6.^a Porque teem desculpa as aves quando fogem aos que as
alimentam?



XXII

A boa companhia

DE LUIZ RATISBONNE

— Tu disseste, Isabel, que a dhalia é orgulhosa
e sem aroma? Vem, aspira esta: um ceu!

— Pois tu não vês porque? Cresceu unida á rosa,
o perfume da rosa é tambem hoje seu.

1.^a Que é ser orgulhosa? — 2.^a Qual a virtude contraria á
soberba? — 3.^a Quaes os beneficios da boa companhia? —
4.^a Devemos evitar as más companhias? — 5.^a Que nos ensina
esta quadra?

XXIII

O correio

Quando eu a vi pela primeira vez, ella era uma creança, branca como as pennas das garças e loira como os raios do sol.

Estou a vel-a. Meu espirito vae busca-la áquelle tempo do passado e mostra-m'a tal e qual.

Era uma borboletinha alegremente louca; corria por entre as plantas do jardim, collhendo aqui e alli as folhas para preparar um bercinho á sua nê-nê, que nelle ficava atufada em rendas, com os olhos fixos para a maior claridade, sempre com o mesmo sorriso e a mesma paz no rostinho redondo e corado, como uma verdadeira imagem!

Parece-me ouvir ainda o echo das sumptuosas festas que ella fazia no seu palacio, um dos mais bellos canteiros do jardim. A alcatifa

erá esmeraldina, flácida e fresca; as paredes adornadas de perolas, — os jasmims; e de corallinas, — as begonias; pelo chão alguma fada boa espalhara do seu cofre encantado myriades de amethistas, — as violetas; e de brilhantes, — o orvalho; por lustre tinha simplesmente o sol, e por abobada o infinito.

Nem o palacio podia ser mais grandioso, nem a dona mais pequena.

Mas aquella pequenez era tão cheia de belleza e de encantos!

Ia tão longe o olhar d'aquelles olhos ingenuos, eram tão doces as caricias d'aquellas mãos redondinhas, que toda a gente sentia vontade de aninhar um beijo em cada uma das covinhas que lhe marcavam os dedos.

As amigas eram muitas e amavam-n'a loucamente.

Um dia dava-lhes ella um baile, em que se dançavam desde as mais cerimoniaes quadrilhas até o mais alegre e ruidoso *cotillon*.

As mães levavam as suas filhinhas e divertiam-se muito.

Outro dia organisava um concerto, em que todas tomavam parte, formando coros, acompanhadas por uma orchestra de passarinhos escondidos na ramada; outras vezes improvisava saraus litterarios, em que se recitavam monologos e dialogos, comicos, tragicos, phantasticos; finalmente, dava banquetes, em que a originalidade ia ao ponto de se servirem confeitos

em petalas de rosa e licor em calices de açucenas!

Ai, quantas phantasias ferviam sempre naquella cabecinha de creança!

Da sua imaginação scintillante cahiam as idéas bonitas como se fossem perolas d'um rosario, a que por um capricho desatassem o fio.

De tudo havia na sua sociedade, viva e innocente, e tudo era previsto, arranjado, feito por ella naquelle pequeno mundo!

O dia em que eu a vi pela primeira vez, foi uma manhã de Maio, manhã azul e transparente como a sua alma infantil.

Eu era portadora de uma boneca, que lhe mandavam; mas, antes de entregar-lh'a estive occulta por detraz de uns arbustos, vendo-a brincar.

Bem em frente do meu esconderijo estava a estação do correio, porque ella entretinha uma grande correspondencia com as suas amigas. O edificio era um pé de murta, em cujos galhos atavam os bilhetinhos.

As vezes parecia ver-se alli um bando de borboletas multicores, descançando d'uma immigração longinqua, outras a viração fazia-as ondular, como se adejassem febris sem desprenderem para longe o vôo, e ficavam tremulas até que viessem umas mãozinhas travêssas cortar-lhes o retroz.

Nesse dia, porém, em vez de atar ao arbusto uma das suas cartas, pendurou-a ao pes-

coço de uma pombinha branca, segredou-lhe qualquer coisa, beijou-lhe a cabecinha e deixou-a partir. A ave, livre, elevou-se no ar, e em seu vôo lizo e calmo, atravessando o espaço, desprendeu de si a delicada mensagem, o bilhetinho azul, que, por um acaso caprichoso e feliz, veio cair juncto a mim.

Levantei-o e abri-o. Não foi uma indiscreção e sim uma curiosidade. Com algum trabalho pude decifrar as adoráveis garatujas, que diziam assim :

«Meu querido Pae do Ceu.

Vivo triste porque todas as minhas bonecas estão quebradas e a mamãe já me disse que me não dá mais nenhuma !

A Lucia não tem braços, a Mathilde não tem olhos, e Anninha já não tem cabelleira ! Como o Pae do Ceu é bom, espero que me mande hoje sem falta uma filhinha nova. Vou preparar-lhe um bercinho.

Adeus, queira receber muitas lembranças da sua amiga

Nêê.»

A carta tinha destino mais elevado, por isso ella mudara de correio.

Vi-a ainda por algum tempo no jardim. Quando se retirou, alguém veio por entre os massiços de verdura e deitou no bercinho, que

ella deixara preparado, uma gentil e loira boneca. No peito levava um bilhetinho azul, em que o bom Pae do Ceu mandava um beijo e a benção á mãe d'aquella filha!



1.^a Como se podem vêr pessoas ou coisas que não estão presentes? — 2.^a Qual é a séde do pensamento? — 3.^a Que quer dizer *olhos ingenuos*? — 4.^a Qual é a significação da palavra *phantasia*? — 5.^a A que reino da natureza pertence a murta? — 6.^a Quantos são os reinos da natureza? — 7.^a Que se entende por *immigração*?



XXIV

D. Quixote

Paulo tinha seis annos incompletos;
tinha só quatro o loiro e gentil Mario.
Foram á bibliotheca, sorrateiros,
e ficaram instantes, mudos, quietos,
a espreitar se alguém vinha; então, ligeiros
como o vento, correram p'ra o armario,
que encerrava os volumes cubiçados:
eram dois grandes livros encarnados,
cheios de formosissimas gravuras,
mas pesados, meu Deus!

Os pequenitos
porfiavam, cançados, vermelhitos,
por tiral-os da estante. Que torturas!
'Stavam tão apertados, os maldictos!
Emfim, venceram, não sem ter luctado...

Paulo entalou um dedo, o irmãozinho,
ao desprender os livros, coitadinho!
cambaleou, e foi cahir... sentado.
Não choraram: beijaram-se contentes
e Paulo disse a Mario: *Que bellote!*
vamos ver á vontade o *D. Quixote*,
sem os ralhos ouvir, impertinentes,
da avó, que adormeceu. Oh! que ventura!
Mario, tu não te mexas, fica attento:
eu vou mostrar-te estampas bem pintadas
com uma condição: cada figura
ha de trazer ao nosso pensamento
uma d'essas partidas engraçadas,
que eu sei fazer. Serve-te assim?

— 'Stá dito.

Oh! que homemzinho magro! Que exquisito!
Quem é?

— É D. Quixote.

— O barrigudo

é dona Sancha, que a mamãe me disse.

— Dona Sancha é mulher. Oh! que tolice!

O nome que elle tem, bôbo, é Pançudo.

— Que está fazendo o padre na cadeira,
a entregar tanto livro á rapariga?

— São livros maus, que vão para a fogueira.

— Quaes são os livros maus?

— Não sei, mas penso

que devem ser os que não teem dourados
nem pinturas. Por mais que o papae diga
que o livro é sempre bom, não me convenço.

— Ouves? Chamam por ti, fomos pilhados!

— Meu Deus, como ha de ser? Mario, depressa, vamos arrumar isto; assim.

— Não cessa

De chamar-nos a avó!

— Prompto.

— Inda faltam

tres livros.

— Já não cabem.

Que canceira!

— Teem figuras?

— Não teem.

— Capas bonitas?

— Tambem não teem.

— Então são maus e saltam

pela janella: atira-os á fogueira.

Eram *Séneca*, *Eurico*, e *Os jesuitas*.

Escaparam do fogo os condemnados, ficando um tanto ou quanto amarrotados.

Salvou-os o papae, mas impiedoso, fechou a bibliotheca, e rigoroso condemnou os dois réos, feroz juiz!

A soletrar... os *Contos Infantis*.



1.^a Que é bibliotheca? — 2.^a Que exprime a palavra sorrateiros? — 3.^a Em que grau de significação está a palavra formosissimas? — 4.^a Como se chama a figura que tira letras no principio das palavras? — 5.^a Que são licenças poeticas? — 6.^a Que quer dizer réos? — 7.^a Que quer dizer juiz?

XXV

A ingratidão

— Olha, meu queridinho Martin, meu gentil pequeno, tiveram a barbaridade de dar o teu nome . . . aos ursos!

Sei que isso te desgosta, mas vou contar-te um facto que se deu com um d'esses animaes, facto que faz honra ao teu homonymo.

Este é feio e bruto como a coisa mais feia e mais bruta que imaginar se possa; mas não faz mal, porque é bom, e bem sabes que a verdadeira belleza não é a da fórma, é a dos sentimentos.

Não ha nada no mundo que valha a bondade. Vês? Nada!

Quando fores homem, tu, que terás um bello character, pois vaes guiado pela bondosa mão do nosso santo amigo, quando fores homem, repito, comprehenderás quanta razão tem a tua amiguinha em te dizer isto:

Ser bom é ser feliz.

A's vezes a bondade parece esmagar-nos o coração numa agonia longa e incompreendida; mas, depois, que de consolos! que de suavidade para a nossa consciencia!

Ouvê-me agora o conto, em que a bondade não tem recompensa immediata, mas que te não cançará, porque é ainda mais pequeno que tu:

Entendeu um cigano indolente ganhar a vida á custa dos trabalhos de um pobre urso, grande e immundo.

Arrastava-o nas ruas, fazia-o dansar, mover-se servilmente á sua voz, deleitar a turba dos garotos, que se ria muito, mas que acabava quasi sempre por apedrejal-o.

Uma noite deixou-se o bohemio cahir na estrada. Com a cabeça deitada nos braços entrançados, a barriga para o ar, a bocca aberta e as pernas estiradas, dormia a somno solto.

O urso contemplava-o silencioso. Na propria sombra destacava-se o seu grande vulto escuro. Elle estava alli como uma sentinella conscienciosa e firme.

Ouvindo o rumor surdo da vegetação, respirando o aere aroma das plantas, sentia saudades infinitas do seu tempo de outr'ora, e lembrava-se talvez, o bruto, do dia em que esse, que ali dormia a seus pés, o arrancara do seu paiz, rasgando-lhe as carnes nos mais rudes tratos! E continuava a velar o somno do seu algoz, de quem podia livrar-se, readquirindo de um instante para o outro a felicidade perdi-

da... Sim, elle voltaria ás grutas sombrias, sem penas nem cuidados, dormiria as séstas sob as arvores nodosas, cheias de ninhos e de flores; rolaria pelos gramados das suas bellas planicies, constituiria uma familia sua, zelando ao redor do rochedo os filhos, que lá dentro sorvessem sequiosos o leite materno.

Pensava em tudo isso, e quedou-se immovel, absorto ao pé do dono, que, ao accordar, já ao romper da aurora, lhe bateu, porque elle, o maldicto, arrebentara a corda que o prendia!

Ás dores da pancada, o pobre urso, fixando no bohemio um olhar vazio de expressão, disse comsigo:

«O mais ingrato dos animaes é com certeza o homem.»



1.^a A que reino da natureza pertence o urso? — 2.^a Que é homonymo? — 3.^a Que se entende por bello character? — 4.^a Como se pronuncia a palavra character no plural? — 5.^a Que especie de palavra é infinita — 6.^a Que significação tem essa palavra? — 7.^a São synonymos cigano e bohemio?

XXVI

A borboleta

DE LUIZ RATISBONNE

— Oh! que gentil borboleta!

Azul, escarlate e rosa!

diz o pequeno Arthur. Se ella ficasse quieta!...
Hei de apanhal-a!

Logo, em lucta furiosa,
sem respirar, correndo atraz da flor alada,
consegue aprisional-a. Ia gritar: «Victoria!»
quando viu que matara a linda malfadada.

Então, da lucta ingloria
cansado, cê-o a chorar;
até que seu papae o pôde consolar.

Chamava-se Ventura
a iriada borboleta,
Correm-lhe apôs; inquieta
vôa da terra ao ceu,
brilhante, aêria, pura...
Alcançam-n'a; — Morreu!...

1.^a Que especie de palavra é Oh! ? — 2.^a Quantas são as
côres primarias? — 3.^a Que exprime a palavra Victoria! ? —
4.^a Como se decompõe a palavra *ingloria*? — 5.^a Que exprime
o prefixo da palavra *ingloria*? — 6.^a Qual a moralidade d'este
conto?

XXVII

A esmola

Carlinhos ia todo taful naquelle domingo, á missa. A sua cabecinha loira, de cabello encaraçolado, redonda como a de um pagem de opera, mal coberta por um gorro de velludo azul escuro, movia-se garbosamente de um lado para o outro. Levava as mãos nos bolsos, o riso nos labios, a alegria no olhar.

O frio começava. Havia pouca gente na rua, apesar de ser dia sanctificado.

Carlinhos entristecia-se com isso; queria que muita gente lhe notasse o trajo; desejava ardentemente que lhe chamassem lindo; era vaidoso, o pequeno, e, coitadinho, tinha só seis annos.

—Tia Laura, dizia elle a uma senhora que o acompanhava: em vez de irmos á missa vamos fazer visitas, para mostrar o meu vestido novo.

— Iremos depois, filho ; descança.

Na egreja havia poucas devotas. As beatas tinham preferido a missa das oito, e a esta, a das dez, não tinham concorrido, como de costume, as senhoras da aristocracia, que a essa hora dormiam, descançando de um baile da vespera.

Isto de terras pequenas é assim.

Os passos da tia e do sobrinho resoavam por toda a egreja quasi vazia ; aqui e alli umas mulheres de mantilha, todas curvadas, contrictas, entregavam-se no seu incognito aos extasis religiosos... observando o que se passava em redor. A capella estava sombria. Um ar gelido, de infundir tristeza, descia do alto tecto amarellecido, e punha tremuras angustiosas no coração de Carlinhos.

Ouviu elle impaciente a missa toda, e deu um grande suspiro de allivio quando um geral borborinho lhe annunciou o fim do sacrificio.

A tia ergueu-se, deu-lhe a mão e sahiram.

Fóra jorrava o sol a grande vida de calor e de luz ; as arvores, de um verde brilhante, luziam como esmeraldas ; o povo começava a mover-se na rua. Numa esquina tocavam duas creanças pobres, um pequeno e uma menina, ambos descalços, pernas nuas, arroxeadas pelo frio, cobertos com uns farrapos quasi inuteis.

A menina abria muito a bocca, cantando uns versos, enquanto a mão lhe tremia com o arco da rabeca ; o menino pendia a cabeça triste

para a harpa, onde modulava uns desafinados e incompreendidos queixumes.

Carlinhos foi atrahido até o grupo e parou. Abriu os olhos muito curioso para esse quadro vulgar. Aquellas creaturinhas, que alli estavam a tremer, semi-nuas, tentando divertir o publico, para que elle depois lhes atirasse uma moeda de cobre, numa compaixão misturada de escarneo, aquellas creaturinhas eram pouco mais velhas que elle!

Perto, juncto aos humbraes vermelhos de uma loja de barbeiro, conversavam rindo alguns rapazes, ao verem os esforços da rabequista cantando um *lá*, que, desgraçadamente, tinha de repetir muitas vezes na canção.

— Olha como lhe incham as veias do pescoço; dizia um.

— Ha quantos dias não comerá aquella pequena, para chegar a este estado? accrescentava um outro.

— Pancada, leva todos os dias, concluiu um terceiro; são meus visinhos...

— Teem paes?

— Qual! morreram ambos de febre amarella no Rio. Um napolitano, que alli estava, *condoeu-se* dos desamparados patricios e trouxe-os para a provincia; agora fal-os ganhar a vida d'este modo. Á noite, quando se recolhem, se não levam coisa que luza... ai d'elles! Ao principio choravam em altos berros, mas hoje parece-me que já estão affeitos á pancada, e nem piam.

— Ora que malandrice! exclamava, bufando de indignação, um recém-chegado, apontando com a bengalinha fina para o grupo das infelizes creanças.

A menina, com os seus olhos negros fitos no céu azul, as mãos pallidas, magras, movendo-se nervosamente na execução de um *alegro*, inspirou a Carlinhos sentimentos bem diversos dos que tinham os elegantes da terra, que commentavam alli a sorte dos artistas da rua.

Artistas da rua! É zombeteiramente que fallamos d'elles quasi sempre; no entanto, como aprenderiam elles a tirar uns sons, embora ingratos, das harpas e dos violinos, se lhes não chorasse na alma um ideal, que é ao mesmo tempo palma de triumpho e corôa de espinhos?

Os olhos do harpista encontraram-se com os de Carlinhos e demoraram-se fitos...

Vibraram o ultimo accorde.

A menina parecia desfallecer e movia os labios roxeados extendendo a mãozinha hirta na supplica de uma esmola...

Que ligação mysteriosa e doce teem entre si as creanças!... É que as almas dos anjos, ainda orvallhadas do céu, reflectem-se mutuamente. Carlinhos, d'entre todos os circumstantes, foi o unico que verdadeiramente comprehendeu a grande magua d'aquelles desditosos, e voltando-se para a tia, que conversava banalmente com uma senhora na esquina, disse com os olhos rasos d'agua e com a voz commovida:

— Tia Laura, já não quero mostrar o meu vestido novo; vamos para casa. Quero levar estes meninos commigo. . .

— Para que, filhinho?! perguntou attonita a senhora.

— Para dar-lhes de comer e de vestir; elles teem fome e frio, minha tia!

A tia annuiu ao pedido e Carlinhos ouviu, como desejava, dizerem d'elle:

— Como é lindo!

Os pequenos artistas foram convidados por Carlinhos a irem todos os dias almoçar e jantar em sua casa, e receberam umas roupinhas agazalhadoras, e uns beijos fraternaes.

.....

A' noite, antes de adormecer, perguntou-lhe a tia:

— Então, quem gabou hoje o teu vestido novo?

— Ninguém. . .

— Não te chamaram lindo nenhuma vez?

— Chamaram.

— Quando?

— Quando eu trouxe commigo os pobre-zinhos.

— Vês, filho? é que a verdadeira belleza é a do coração. Não te ensoberbeças com o teu luxo, que isso é miseria. Faze todo o bem que poderes aos que soffrem; a esmola, dada como

tu a deste, entre beijos, é mais que linda, meu amor, é santa...

Ao som d'estas palavras adormeceu Carlinhos, com a paz da sua alma branca e pura estampadã no rostinho calmo.



1.^a Que é ser vaidoso? — 2.^a Que locução é esta: *em vez*? — 3.^a Em que acceção está a palavra *incognito* na phrase = entregavam-se no seu incognito aos extasis? — 4.^a Qual é a significação da palavra extasis religiosos? — 5.^a Qual é a verdadeira belleza? — 6.^a Que recompensa dá a esmola? — 7.^a De quantos modos se pôdem fazer esmolas?

XXVIII

Rubim

— Vamos, querida Regina,
anda um pouco mais ligeira!
— Mamãe, é que a Rosalina
'stá procurando a pulseira,
que tem rubins, e eu não posso
sahir sem ella a passeio;
deu-m'a o papae e eu receio
desgostal-o. — Que alvoroço!
Pois tu queres mais adornos?
Já te não basta a brancura
dos braços e a graça pura
de teus suaves contornos?
olha, meu anjo, mais brilha
que o ouro a graça. A caminho.

Num gracioso carrinho
sentaram-se mãe e filha.
Era uma tarde encantada!
As duas, como esquecidas,
Olhavam embevecidas
p'ra terra em ceu transformada.

Parou o carro um instante,
Regina ergueu-se de um salto
e viu... (Deus, que sobresalto!)
um gatinho agonisante

sobre os trilhos! — Gil, cuidado,
enxota o pobre bichinho
ou tral-o aqui, coitadinho,
que póde ser esmagado.

— 'Stá quasi a morrer, não vale
a pena salvar-o agora;
não póde viver uma hora...
— Faze que o chicote estale...

Não se move... que tormento!...

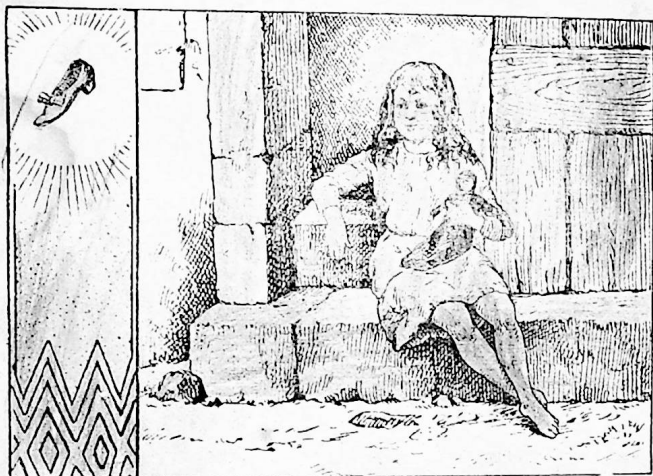
Regina, em plena revolta,
insta, braceja... (Dá volta
o carro e parte). Em delirio,
a creança inconsciente
atira ao gato a pulseira!...

Então a mamãe, contente,
beija muito a feiticeira.

Apanhou-se o bracelete
sem pedras. Ao moribundo
fez Regina um ninho, ao fundo
do carro, sobre o tapete.

Cresceu o bichano e agora
chama-se Rubim; é lindo
e tem um amor infindo
a Regina, que o adora.

1.^a Que especie de palavra é *já*? — 2.^a Que exprime a palavra *alvorço*? — 3.^a Que quer dizer *inconsciente*? — 4.^a Merece elogios a acção de Regina?



XXIX

Os sapatinhos azues

Foi um dia uma menina, que se chamava Luiza. Era bonitinha, mas muito pobre. Toda a gente da vizinhança gostava d'ella; é que mesmo não podia haver creança mais meiga, nem mais submissa.

Á tarde era certo vel-a sentadinha á porta, a brincar descalça, a coitadinha, com o seu vestidinho de chita escura, escorrido, os cabellos loiros em desalinho, cahidos sobre os hombros, os grandes olhos, negros e innocentes, fitos nos

trapinhos, com que fazia roupa para a sua boneca, uma bruxa de panno com cabelleira de lã e olhos de retroz. Tinha um aspecto triste, a boa Luizinha; não parecia uma creança, tanto juízo era o seu!

Pois bem. Um dia veio uma coisa má turbar a paz d'aquella boa alminha.

Imaginae o que... a inveja!

Luizinha viu nos mimosos pés da mimosa filhinha de uma burguezia rica uns sapatinhos azues.

Aquelles sapatinhos pizaram-lhe a alma, a sua boa alma, que não devera ter cahido nunca...

Foi pena; mas a perfeição não é da terra, e afinal Luizinha tinha nascido neste mundo.

A noite adormecia e sonhava que via uma grande escada de crystal, cheia de luz, de trepadeiras em flor, despenhadas do corrimão como uma cascata exhaladora de perfumes fortes, onde esvoaçavam doidas borboletas. Olhando attonita para essa escada luminosa, ella divisava, lá em cima, no primeiro degrau, uns pés pequeninos, calçados de setim azul. Eram elles, eram os pés da menina rica... bem os conhecia!

De degrau em degrau, certificava-se de que era mesmo a sua invejada que descia.

Agora via-lhe já as meias de seda com lavores em aberto... depois a orla do vestido bordado... depois a larga faixa franjada...

depois os braços roliços, com covinhas nos cotovellos e pulseiras de ouro... depois o collo redondo, branco como o leite, em que brilhava a cruzinha de pedras... depois o rosto alegre, corado como uma maçã madura, e os cabellos escuros, presos no alto com um lacinho de fita... Então sentia-a passar, roçar-lhe mesmo o vestido enxovalhado, e tentava apalpar-lhe a roupa com as mãozinhas emmagrecidas; mas a radiante visão desapparecia, e Luizinha desejava subir a escada, porque lá via em cima o lindo par de sapatinhos azues; ao approximar-se, porém, as flores emmurcheciam, o crystal dos degraus estalava e todas as luzes se apagavam.

Pobre Luizinha!

Uma manhã accordou ella toda chorosa. A mãe inquietou-se e indagou da causa das lagrimas.

A pequenita fez sem medo a sua confissão, e a boa mulher entristeceu-se.

— Que, meu amor! dizia ella, pois tu tens inveja!? um peccado tão feio, tão negro! Não, meu bemzinho, não! Vem d'ahi; quero levar-te á egreja para mostrar-te que tambem estão descalços os anjos do Senhor!

E foram.

O dia estava claro, de uma transparencia crystallina, limpida.

Entraram no templo. A mãe mostrou á filha as telas dos altares: descalços estavam os anjos, descalço estava Jesus.

Foi boa a resolução; porque ao sahir levava Luizinha a convicção de que não devia ter inveja da mimosa menina dos sapatinhos azues.



- 1.^a Qual foi a *coisa má* que perturbou a paz de Luizinha? — 2.^a Como se pôde vencer o mau sentimento da inveja? — 3.^a Que significa a palavra *visão*? — 4.^a Que especie de verbo é = inquietou-se? — 5.^a De que estratagemas usou a mãe de Luizinha para convencel-a de que não devia ter inveja?

XXX

As perguntas

DE LUIZ RATISBONNE

- Carlos, vá-se despindo e dobre a roupa toda.
- Quem foi que adivinhou que a gente precisava vestir-se, Marietta? usar roupa da moda?
- Foi alguém, respondeu Marietta, que andava zangado por ter frio, ou cheio de vergonha, por estar sempre nú. Ande, Carlinhos, ponha as mãos e as orações repita sem demora.
- E quem foi que inventou as rezas, Marietta?
- Provavelmente alguém, que uma angustia secreta ou immensa ventura opprimiria. Agora vamos, Carlos, é tarde e perguntou bastante; guarde para amanhã o resto, sim? Cuidado, ageite a cabecinha e durma socegado; assim: como é bonito! agora dê-me um beijo.
- Mas quem foi que inventou o beijo, queridinha?
- Ia-se atrapalhando a linda criadinha,
já lhe accendia a face a rubra flor do pejo,

quando a mamãe entrou: — Meu filho, quem primeiro deu o beijo melhor, o beijo verdadeiro, foi a mãe; aqui tens, ó creança adorada, o meu!

Carlos dormiu sem perguntar mais nada.

1.^a É defeito ser curioso? — 2.^a Em que pontos devemos ser curiosos? — 3.^a Que quer dizer pejo? — 4.^a Dê-me duas palavras synonymas de pejo? — 5.^a Melhor, é comparativo de que?



XXXI

15

O palhaço

Saltava alegremente um gafanhoto de galho em galho. Pisava aqui uma rosa, uma dhalia, acolá uma fuchsia, sem que por isso as maguasse, dizendo-lhes uns segredos risonhos e

desempenhando maravilhosamente o papel comico de que o encarregara a natureza, brilhante directora d'esse esplendido scenario.

Saltava, pois, todo lépido e satisfeito o bom do gafanhoto, quando um menino o apanhou. O animalzinho não commettera crime algum e foi preso! Preso e amarrado com longos fios de linha, que lhe faziam doer o corpo secco e delgado.

O menino brincava e respondia com uma gargalhada a cada salto, que o pobre gafanhoto dava por sentir-se machucado e doente... Infeliz insecto! Cançado de soffrer, fez um ultimo esforço para livrar-se d'aquella barbara prisão. Sim, elle livrou-se, mas lá deixou presa na linha uma das suas pernas!... O menino ia de novo apanhal-o, quando se sentiu agarrado pelas mãos da mãe...

A boa senhora, com os olhos cheios de lagrimas, reprehendeu-o, fazendo-lhe ver que tractar mal os animaes é muito feio e prova mau coração. O filho, arrependido, abraçou-a, jurando que nunca mais praticaria semelhante coisa.

E o gafanhoto?

Voou, mas cançado, cahiu.

Riram-se muito as rosas, as dhalias e os jasmims, julgando-o a brincar. Que desastrado! mas como tem graça e que alegria a sua!

—Eia! levanta-te, palhaço, então!?

Mas o palhaço não se levantou. Arrastou-se

a custo e embrenhou-se num bosque de violetas, aterrorisado e agonisante. Ao verem-n'ó chegar, coxixaram entre si as modestas florinhas: «Elle ali vem, o truão; preparemos as nossas risadas!» e levantavam curiosas as cabezinhas gentis.

— D'esta vez não brinco, disse-lhes elle, a ellas, que o ouviam com interesse: venho morrer entre vós, minhas amigas!

Contou-lhes a sua historia triste. Quando acabou, as violetas choravam, e elle então... expirou, mas expirou satisfeito, porque deixava quem o pranteasse. Dóe-nos fazer soffrer, mas quem não desejará ser chorado?

Ninguém...

.....

Meus amiguinhos, os palhaços que vemos nos circos, que nos fazem rir com as suas caretas parvoas, suas cambalhotas grotescas e seus dictos de um baixo comico irresistivel para a população ignorante das galerias, muitas vezes, como o infeliz insecto, soffrem, e a cada gargalhada que seus labios desfolham, sentem no coração uma dor pungente. Muitas vezes, tambem nós, como as flores ao insecto, os applaudimos por vel-os cahir bem, quando elles, se cahiram... foi por cançados!

Não ha nada mais triste do que ter por obrigação fazer rir...

Mas... que é feito do gafanhoto! O seu

cadaver lá ficou como uma folha murcha entre a ramagem fresca e perfumada do violetal.

1.^a Que é um palhaço? — 2.^a O menino fez mal apanhando e amarrando o gafanhoto? — 3.^a Qual é o synonymo de palhaço? — 4.^a Que especie de palavra é *ninguém*? — 5.^a Que quer dizer *baixo comico*? — 6.^a Que proveito tiraremos d'este conto?



XXXII

O natal

— Quantos dias ainda passaremos
á espera do Natal?

Tu dizes sempre: poucos, esperemos...
'Stou cansada afinal.

— Falta apenas um mez, minha Luizinha,
— Custa tanto esperar!
Já sei de cór os versos á avosinha,
e a festa sem chegar!

Vejo, sonhando, os mimos, as estrellas,
que enfeitarão da arvore sagrada
os ramos, refulgentes, por mil velas
de luz ora vermelha, ora azulada.

Depois... repartirei os meus brinquedos
pelos primos, amigas, convidados...

— São doze ao todo, não,
entre primos e amigas? Que folguedos!

Que alegrias sem fim! Que creanças!

— Não contaste, mamãe, os orphãozinhos,
com quem divido o pão
da merenda? São tres pobres anjinhos!

E não teem mãe nem pae!
Convidei-os tambem. Tu, que és tão boa,
dá-lhes vestidos novos, sim? Perdoa...
ter-lhes feito a promessa de...

— Luiza!

És um anjo do ceu, filha adorada,
és perfume ideal que aromatisa
d'esta existencia a fadigosa estrada!

Vae, minha filha, vae!

O repartir o pão com os orphãozinhos
não basta, meu amor!
Dá-lhes tambem os maternas carinhos;
São esmola maior.

Queres?

— Oh! minha mãe! vou já buscal-os,
vou vestil-os de novo, penteal-os,
e comprar-lhes brinquedos... Que alegria!

— É santo esse alvoroço, mas repara
ser agora... impossível! É tão cara
a vida, filha!... o pão de cada dia!

Dei para a tua festa tudo: espera
que eu possa junctar mais. Ah! se eu podera!
— Podes sim, mamãezinha, desconfio
que achei um meio.

Qual?

— Dou-lhes o teu presente: renuncio
á festa do Natal.

— E era o teu bello sonho, Luizinha!

— Como bemdigo a Deus
por me haver feito mãe! Ouve, filhinha!
se não puderes ver o arbusto santo,
offuscante de luz,
fita o celeste olhar, limpo de pranto,
no infindo azul dos ceus,
e lá verás, olhando-te contente,
o teu doce Jesus,
como tu pequenino e sorridente.

As estrellas virão, como em cortejo,
saudar-te, minha flor!

E sentirás, um como suave beijo
de maternal amor
roçar-te a fronte pura; e a voz plangente
da mãe dos orphãozinhos, meigamente
murmurará: — Bem hajás tu, querida,
Enviada do ceu!

Que maior festa queres, minha vida?
— Mamãe, um beijo teu!



1.^a Que festa solemnisa a egreja catholica no dia de Natal? — 2.^a De que arvore falla Luizinha? — 3.^a Quaes os *maternaes carinhos* que Luizinha poderia dar aos orphãos? — 4.^a Que quer dizer offuscante? — 5.^a Que meio achou Luizinha para soccorrer os orphãos? — 6.^a Qual era a maior das festas para Luizinha?

XXXIII

As duas fadas

Uma corrente de indefinivel doçura prende á velhice a infancia; como que se reflectem um no outro os dois crepusculos: o que precede o dia e o que precede a noite.

Ao lado de uma velhinha engelhada e tremula, brilha quasi sempre a imagem radiosa de uma creança.

Bemdicto seja Deus, que juncto a tudo o que ha de mais triste, poz tudo o que ha de mais bello! Por isso nos tumulos cantam maviosos passaros e desabrocham rosas, e, por sobre as aguas mortas das lagôas insalubres, nascem, cheios de candidez, os brancos nenuphares.

Conheci uma velha muito feia, quasi cega e tremula, mas que attrahia as creanças, como a flor da madre-silva attrae as abelhas. Sabia muitas historias de coisas encantadas, onde brilhavam, numa scintillação esplendorosa, rainhas cobertas de brilhantes, reis em thronos de crys-

tal illuminados por focos de luz electrica; pagens loiros, vestidos de setim, cantando amores sob os balcões floridos; fadas cercadas de nuvens; mulheres brancas, seismãdoras, aéreas, que surgiam á meia noite inundadas de luar, dos perfumosos calices das lacteas açucenas e voavam para as estrellas embalsamando o ar...

Era a essencia da flor divinizada!

A avozinha, como lhe chamavam todos, sabia, pois, muitas coisas, e contava-as aos netinhos, que a ouviam religiosamente.

As vezes, o conto descahia do predilecto tom phantastico; os olhos da avozinha brilhavam mais e a voz esmorecia até o suspirar de um ai!

Seriam saudades?

As creanças não o indagavam; contentavam-se com dizer:

— A historia hoje não foi tão bonita!

Davam-lhe as boas noites e um beijo, e iam-se embora.

Ella ficava então silenciosa, com a cabeça pendida e os olhos apagados. Contar historias era recordar a mocidade, directa ou indirectamente; reverdecer na alma a gloriosa flor azul dos seus vinte annos; folhear cheia de amor, cheia de carinho, as paginas soltas de toda a sua vida; penetrar em um tumulto illuminado para beijar o seu querido morto, ò passado.

E é por isso que as velhas gostam de contar historias, e de inventar lendas!

Teem uma satisfação íntima e egoista, em filtrarem na alma das creancinhas o nectar das suas venturas e de vel-as chorar as suas grandes tristezas.

Uma noite a avozinha contou ás adoradas netas esta historiazinha:

— Meus amores.

Nasceram no mesmo dia duas fadas. Uma era linda, linda, a outra era feia, feia!

— Desgraçada de ti, dizia a primeira, que não és formosa, como eu! A mim dará a terra os seus mais bellos cantos, serei a suprema ventura, o supremo ideal. E tu?!

— Eu, respondeu a segunda com um sorriso angelico, embellezarei a alma d'aquelles a que não tiveres embellezado o rosto. Lembrar-me-ei dos que esqueceres; e se esperas merecer os louvores da terra, eu, que te bemdigo, espero merecer os louvores do ceu!

— Enganas-te! Tu não serás louvada; serás ignorada e incomprehendida, isso sim!

Conversavam d'este modo as duas fadas, quando lhes appareceu um anjo aureolado de estrellas, que, abrindo sobre ellas as brancas azas, disse á que fallara por ultimo:

— Chamar-te-ás — BELLEZA — e reinarás como verdadeira soberana. Será juncado de corações o teu caminho, pisal-os-ás sem dó! Serás amada, mas não farás felizes! Os teus dons serão de pouca duração; murcharão como as flores, apagar-se-ão como a luz. Serás ficticia e

breve, vaidosa e fria,* mas brilhante e desejada. O teu reino é poderoso. Vae!

— Agora tu, disse á outra fada o anjo, chamar-te-ás — **BONDADE**. — Serás suave e meiga. Fortalecerás os frageis, ampararás os desgraçados. O teu dom não terá a vida das flores, nem as intermittencias da luz; brilhará sempre! Occultar-te-ás modesta e serás, apesar de humilde, a mais nobre e a melhor das fadas. Vae!

Desde então andam as duas fadas pelo mundo a espargir seus dons. Raras vezes se encontram á beira do mesmo berço; mas quando isso acontece, como fazem feliz a creança que protegem!

Pisando corações numa indiferença magestosa, vive a Belleza, ouvindo todos os louvores, todos os hymnos da terra; mas do céu, é á Bondade que descem os raios da estrella, e as bençams do Senhor!



1.^a Que é crepusculo? — 2.^a Que significa preceder? — 3.^a O verbo preceder é regular? — 4.^a Quaes são os verbos irregulares? — 5.^a Quaes são os defectivos? — 6.^a É uma desgraça ser feia? — 7.^a Qual é preferivel: ser bella ou ser boa? — 8.^a Conte a historia das duas fadas.



XXXIV

19
O anjinho

Vestiram-n'a de branco como a neve
e cobriram-lhe o corpo feiticeiro
com um veu de gaze transparente e leve.

Sobre as rendas do fôfo travesseiro
espalharam-se os cabellos d'ouro.
Parecia dormir somno fagueiro.

Sonharia talvez que ouvia o coro
dos anjos, seus irmãos, no Paraizo,
a convidal-a um bem mais duradouro.

Que amor prometteria aquelle riso
que em seus labios ficara! Que alvorada?
Alberto olhava a irmã, pasmo, indeciso!

— Como estás fria, branca e tão calada!
Falla, canta, sorri... Tu vaes-te embora
para o ceu? d'esta vida estás cansada?

Já não brincas commigo! E quem agora
te fará companhia? Se eu pudesse
ir contigo, irmãzinha!... Alberto chora.

E diz a mãe: — Meu Deus! Se elle morresse
quem me consolaria neste mundo?
Não o escutes, Senhor!... Filho, anoitece...

Anda cá, vem dormir. Tão pouco fundo
é teu amor por mim, que me deixavas?
— Não, mamãe, meu amor é bem profundo.

De coração te adoro. Tu amavas
tanto Helena tambem, e a morte veio
sem ver que padecias e choravas!

Com que força a cingias contra o seio!
O Pae do Ceu não quiz ouvir teu pranto...
e eil-a morta, meu Deus! que triste anccio!

Quem hade socegal-a á noite, enquanto
eu te abraço a tremer cheio de medo?
Quem a ensina a rezar no livro santo?

Quem a leva ao jardim? Quem, logo cedo
vae beijal-a, quem ha de, coitadinha,
ser mãe de minha irmã? Dize em segredo...

Quem a espera no ceu? Vae tão sozinha,
e eu tenho tanto dó! tanta saudade!
Falla! quem ha de amar minha irmãzinha?

— Helena, filho, entrou na eternidade
levada pelos anjos; esplendente
ia a seu lado a meiga Caridade.

Junctos iam cantando alegremente
uns cantos de suavissima harmonia
ao Eterno Senhor Omnipotente.

Este cortejo angelico subia
entre aromas, hosannas e fulgores...
— Mas lá não terá mãe. — Oh! sim, Maria!

Maria, a mãe dos bons, dos peccadores,
a que em meio á procella ouve os vagidos
da infancia desvalida e calma as dores. . .
Lena tem melhor mãe.

— Melhor? duvido.



1.^a Duas palavras cognatas de transparente? — 2.^a Esta poesia está escripta em quadras? — 3.^a Que são tercetos? — 4.^a Que significação tem a palavra = eternidade? — 5.^a Que é *procella*? — 6.^a Dê-me dois synonymos de *procella*.

XXXV

D. Formiga

Contam coisas admiraveis, estupendas, enormes, de umas certas *pretinhas* muito laboriosas e pequenas, que vivem sob a terra que pisamos, e que valem muitas vezes mais que qualquer de nós!

Quando eu era creança gostava extraordinariamente de as ver na sua lida. Ficava-me esquecida, de bruços na grama, deitando no caminho, um estreito carreirinho, fragmentos de uma folha, que as pobrezinhas levavam com immenso trabalho para o seu recanto obscuro.

Que vae-vem, que saracotear gracioso, que cinturinha apertada, que delicadeza, que astucia e, que exemplo!

Tanto observei, tanto, que um dia pareceu-me descobrir o viver intimo de uma d'essas

senhoras. Exultei de jubilo! Penetrara no mimimo segredo da natureza.

Dei bravos a mim mesma!

A historia é simples e ali vae:

Viviam num buraquinho feito com paciencia e esforço a sr.^a d. Formiga e seus tres filhos, muito intelligentes e graciosos.

Evidentemente d. Formiga era viuva, o que fazia dó, pois para sustentar-se e aos filhos arcava a boa da *senhora* com enorme trabalhadeira!

Mas que paz, que serenidade, que idyllio havia no interior d'aquelle buraquinho tão pequeno! Alli vivia uma familia amorosa, dedicada, terna, digna de todas as bençams, na mais profunda amizade, na mais perfeita harmonia!

Cabia naquelle grão d'areia a verdadeira ventura, o amor!

D. Formiga era excellente mãe e fôra, com certeza, esposa amante e amada.

Era honesta e infatigavel, um exemplo de boa dona de casa, um encanto! Por isso a sua vida escorria doce, doce como o mel de um favo.

Mas, ai! que não ha bem que sempre dure!

Numa manhã de verão, ardente e clara, quando as cigarras cantavam e as flores esmoreciam, quiz o filho mais novo da boa d. Formiga ir passear ao sol!

E se bem o quiz melhor o fez. Subiu ale-

gremente pela ribanceira, espreitou para um lado, para o outro, deu umas voltas distraído, orientou-se e partiu.

Quando d. Formiga deu pela falta do seu querido amor, o filho das suas entranhas, a estrellá da sua alma, o último legado do seu perdido esposo, chamou os mais velhitos, despediu-se lacrimosa, recommendou-lhes a casa e foi-se em busca da estouvada creança.

Infeliz! debalde a procurou.

Correu campos, caminhos; penetrou em muitos formigueiros, indagou dos compadres, das vizinhas, de conhecidos e desconhecidos... chorou, chorou, chorou, e nenhuma voz, nenhuma, respondia á sua!

Ai, misera! O dia declinou e vinha a noite! d. Formiga rolava desesperada no chão, em convulsões de dor. Junctaram-se as amigas e os dois filhos afflictos rezavam pelo irmão. De repente estremeceram de prazer e quedaram-se immoveis. Ouviram uns passos conhecidos e divisaram no caminho um vulto informe, que se arrastava a custo...

Quem será? quem não será? questionavam os indifferentes.

d. Formiga cessara de contorcer-se e com os filhos prestava attenção...

— É um monstro! dizia aterrorisada uma velha vizinha, encolhida e medrosa...

— É elle, dizia o palpitante coração da mãe.

Como são apurados os ouvidos e a vista de quem ama!

Vagarosamente, o vulto approximou-se do entristecido grupo.

Era elle, era, que vinha todo coberto com uma grande folha, pesada de mais para as suas delicadas forças.

Que alegria, que ventura immensa! A mãe, em vez de ralhos dava-lhe beijos, os irmãozinhos dançaram de alegria e as amigas perguntaram-lhe então porque se demorara tanto.

Pelos gestos comprehendi que a resposta era esta:

— Ia muito curioso pelo meu caminho, quando encontrei esta folha tão rica e saborosa, que me deu na vontade trazel-a a minha mãe. Dá-nos para viver tres dias seguramente.

Levei muito tempo a arrancal-a da haste. Deu-me um trabalho insano! mas jurei trazel-a e trouxe-a! Não me arrependo, embora esteja morto de fadiga! Estou na idade de trabalhar para a familia. . . minha mãezinha que me perdoe o susto e que me accite a intenção!

Nessa noite teve d. Formiga deliciosos sonhos! No dia immediato convidou as amigas para um baile.

D'ahi por deante ficava-se ella descansada em casa, na doce serenidade do seu lar, e iam então os filhos trabalhar no campo..

Abençoados sejam, elles e ella. Ella que os ensinou, elles que aprenderam, e que demon-

stram que até no mais obscuro, no mais pequenino lugar, quer Deus que se aninhe isso que os bons, honestos, perseverantes e activos podem alcançar — a felicidade.



1.^a Que especie de palavra é sob ? — 2.^a Que exemplo nos dão as formigas ? — 3.^a Em que gráu está a palavra minimo ? — 4.^a Fes bem o filho de d. Formiga em ir passear sem pre-venir a mãe ? — 5.^a Mereceu perdão a falta do filho de d. Formiga ? — 6.^a Porque foi perdoado ? — 7.^a Que podem alcançar os bons, honestos e activos ?

XXXVI

Não se pede nada á mesa

DE LUIZ RATISBONNE

— Mamãe, tu podes dar-me um bom bocado de cosido, pois não?

— Meu filho, sabes bem que quem pedir á mesa nada tem.

Oh! não peço mais nada, estou calado.

— Pois sim, mas tira a mão do saleiro, não posso adivinhar para que queres sal, meu Luizinho!

— Mamãe, é para a carne com toucinho, que eu não pedi, mas sei que me vaes dar.



1.^a Que especie de verso é o segundo d'este conto? — 2.^a É feio pedir á mesa d'este ou d'aquelle prato? — 3.^a Luizinho deixou de pedir? — 4.^a Qual é a função da palavra *mas*?

XXXVII

Deus faz tudo

DE LUIZ RATISBONNE

— Como foi, minha mãe, que Deus pintou as flores ?
Onde as tintas achou de tão variadas cores ?

— Deus, Valentina, vendo a terra nua e feia,
teve pena, sorriu ; e eil-a de flores cheia.

— É forte ! Mas então tudo por Deus foi feito ?

— Tudo, meu anjo : o mar, o fogo, a terra, os ceus.

— E quem te fez a ti, mamãe ? foi tambem Deus ?

— Sem duvida. Que tens ? 'Stás absorta ? Não crês ?

— Custa-me a acreditar que Deus tivesse geito
p'ra fazer uma mãe tão boa como és !

1.^a Que é pintar ? — 2.^a A pintura é sciencia ou arte ? —
3.^a Quantas são as bellas artes ? — 4.^a Que papel tem na natu-
reza : o fogo, a agua e o ar ? — 5.^a Que parte do discurso é
Sem duvida ? — 6.^a Qual é a moralidade d'este conto ?

XXXVIII

As flores do pecegueiro

Um pecegueiro todo ufano, vestido com as suas alegres florinhas côr de rosa, disse um dia a uma lagarta, que ia subindo arrastadamente pelo seu tronco acima:

— Não me toques nas flores, vê lá, cuidado! Lembra-te de que não tens direito a taes aspirações, tu que és abjecta, immunda, indigna de beijar a maciez candida e perfumada de suas petalas. Para ellas só o orvalho do ceu e os mimos da viração; para ellas tudo que ha de mais doce e de melhor. A borboleta dourada e azul, vá lá, pode tocal-as, mas tu, que és feia e repugnante, não, não e não!

E a lagarta a subir, e a subir muito philosopha e pacatamente!

— Olha, continuava o pecegueiro, não manches o delicado carmim das minhas flores... afasta-te, afasta-te!

Era tarde. A lagarta mergulhára a cabeça pennugenta no calice rubro de uma flor, e já nada escutava, toda absorta na sua ventura. O pecegueiro então, indignado, sacudiu-se raivoso; raíngeram-lhe os galhos, desprendendo as flores, que bailaram no espaço e foram tapetar o chão.

Cahiram as flores, mas não cahiu a lagarta, que na extremidade de um galho fez o seu casúlo.

Vendo-se nú, lamentava-se o triste pecegueiro, dizendo:

— Fiz mal... fiz mal! não devia ser cole-rico nem tão violento... Porque não fui eu prudente, santo Deus? Que maldicto bicho! sae! sae!! dizia ainda o pecegueiro, sacudindo-se; mas a lagarta, prevenida, nem se abalava!

.....

Passaram-se dias. Sobre os galhos seccos do pecegueiro cahia inutilmente o orvalho; as flores tinham-lhe morrido ao pé, silenciosas, tristes. O casúlo continuava fechado, até que um dia abriu-se de repente, dando sahida a uma borboleta dourada e azul. O pecegueiro, attonito, estremeceu, e então a borboleta disse por sua vez:

— Foste castigado; ficas agora só! Adeus, pecegueiro, e para nunca mais! Não querias que as tuas filhas fossem nem de leve tocadas pela larva e não desdenhavas os beijos da borboleta! Vê como estou bonita, adeus!

E alegre, doudejante, partiu, o delicado insecto, para viver além entre outras flores.

Quanto ao pecegueiro, arrependeu-se da sua ira, mas consolou-se pensando :

— Fiz meu dever zelando por minhas filhas; antes mortas e innocentes, que vivas e maculadas pela baba nojenta de um ente tão asqueroso !

O que é certo é que o pecegueiro em parte tinha razão, e que está de novo todo ufano, coberto com as suas alegres florinhas côr de rosa.



- 1.^a Que quer dizer ufano ? — 2.^a Que é uma lagarta ? —
3.^a Que transformações soffre a lagarta ? — 4.^a Qual é a parte da flor que se chama calice ? — 5.^a Como se divide a flor em geral ? — 6.^a É um defeito ser colérico ? — 7.^a Como se vence a ira ?

XXXIX

Amor de criação

Henrique era um menino intelligente,
bondoso e scismador ;
tinha a seus paes uma affeição ardente,
e tambem consagrava um grande amor
áquella que o criara, e a quem, anginho,
dera o singello nome de Babá.

Um dia essa mulher, sem um carinho,
deixou a creancinha, foi-se embora . . .
indifferente e má.

Henrique, em magua immerso, grita, chora :
— Meu Deus, onde te escondes ? que maldade !
não tens pena de mim ?

Seccou-lhe o pranto amargo da saudade
o amor dos paes.

Emfim,
o pequenito, alegre, descuidado,
sahira a passear,

dando a mão ao papae; mas d'improviso pára, fica um momento embaraçado, estatico, indeciso . . .

— Que tens, filho? — Papae, espere, fique parado, sim? — Mas onde vaes, creança!?

— Vê aquelle soldado além, pois não?

vou-o cumprimentar;

quero tractal-o bem, tenho esperança que elle goste de mim, e, se algum dia encontrar a Babá, perdida, á tóa,

por pena e compaixão,

a leve a nossa casa. Que alegria

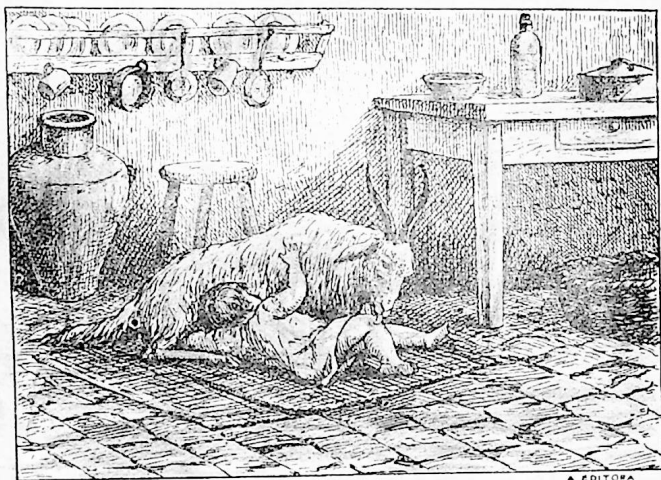
quando a mamãe disser que lhe perdôa,

quando ella me beijar!

Como sabia esfa creança amar!



1.^a Porque está carregado o primeiro *a* da palavra *aquella*?
— 2.^a Que é contracção? — 3.^a Que quer dizer: *d'improviso*? —
4.^a *além* que palavra é? — 5.^a Como se chama a figura que mudou o *r* de *tractar* em *l*? — Em que provou Henrique saber amar?



XL

Mimi, ou a cabrinha cinzenta

Numa aldeia solitaria, entre montanhas, vivia num casebre arruinado e tosco uma familia pobre. O homem lidava no campo, a mulher acompanhava-o na faina, deixando em casa, a amamentar o filhinho, uma cabra cinzenta, que era o seu descanso e toda a sua fortuna.

O menino crescia gordo, nédio, bem tratado; a cabrinha, a boa cabrinha, que dava pelo nome de Mimi, acariciava-o, tinha para elle todos os desvelos! Passou a primavera, passou o verão, passou o outomno, chegou emfim o inverno. Os campos não davam sustento; veio o tempo da cruel necessidade!

Os pobres trabalhadores voltaram para debaixo das telhas do seu casebre, por onde

entrava o frio, gemendo uns soluços que lhes feriam dolorosamente o coração. O inverno era longo e asperíssimo, e faltava-lhes tudo! Veiu um dia então, em que nada encontraram para comer. O filhinho pouco mammava já, a mãe sentia-se febril. O pae, desesperado, não tinha recursos para acudir á esposa e pensava na sua triste sorte, quando viu a cabrinha adormecida a um canto. Teve uma idéa — vendel-a!

Leval-a-ia a uma feira e trocal-a-ia pelo sustento de alguns dias.

Amarrou pois uma corda ao pescoço de Mimi, que olhava melancholica, como se lhe perguntasse :

— Que vaes fazer da ama de teu filho?!

Arrastou-a á força d'alli, subiu e desceu montanhas, chegou por fim á villa, onde a vendeu a um rico lavrador. Voltou: a mulher melhorara e andava louca á procura do esposo e do animal. Contou-lhe o marido tudo que fizera; ouvindo-o, a infeliz, angustiada, olhava compassiva para o filhinho adormecido. Ia-se approximando a hora em que elle costumava ter a sua ceia, por isso moveu-se, chorou, chorou baixinho á espera da sua Mimi; acudiu a mãe, mas o pequeno então chorou mais, e mais, e mais! Nada havia que o consolasse. Nada! O pae, afflicto, cheio de remorsos, arrebelava-se; a mãe em vão tentava socegal-o! O pequeno enrouquecia pelo excesso do choro. O vento soluçava, entrando pelas fendas das paredes rusticas. Subitamente, ouvi-

ram ao longe um balido queixoso ; momentos depois raspavam, batiam afflictivamente á porta, que o aldeão correu a abrir de par em par. Arfando de canção, a boa Mimi entrou, correndo para o menino, a quem entregou a teta cheia de leite!

Coitadinha! affrontára todos os perigos, fugira do redil do novo dono para a cabana onde a chamava a voz dos seus amores!

No outro dia, logo de manhã cedo, foi o aldeão á villa entregar o que recebera na vespera pela cabrinha cinzenta.

O lavrador escutou-lhe a historia. Viu-lhe brilhar nos olhos o arrependimento e, commovido, estendeu-lhe a mão, pedindo-lhe para ser padrinho da creança, a quem enviou, com a benção, uma bolsa de dinheiro.

Agora, a bella Mimi vive tranquilla ao pé do seu filhinho.



1.^a Sabe o que é casebre? — 2.^a Que significa a palavra *faina*? — 3.^a Porque tinha o pae remorsos? — 4.^a Que fez o lavrador que comprára Mimi quando o aldeão lhe foi levar o dinheiro? — 5.^a Que ensina este conto? — 6.^a Quaes são os principaes signaes de pontuação?

XLI

A velha

Era uma pobre velha, repellente por feia e desdentada; caminhava toda num arco, arfando, e coxeava, arrastando os chinellos. De repente faltou-lhe o chão, quiz segurar-se ainda ao pau que lhe era arrimo, este partiu-se, e a velhinha cahiu.

Elvira riu-se, mas deitou a boneca, a sua Linda, sobre a relva, e correu; a pobrezinha; foi levantar da rua; inda risonha e ajudando-a, pensou:

— Que carantonha! como é feia esta velha! coitadinha! A pobre deu-lhe a mão, ergueu-se a custo e encostada á creança encantadora, a gemer com uma voz aterradora, talvez menos de dor, do que do susto, que a abalara deveras... talvez fome... sentou-se no jardim:

— Que formosura! disse a velha, sorrindo com brandura:

anjo do ceu, na terra tens um nome...

— Elvira. — Não, filhinha, Caridade!

Elvira já não, *incontinenti*

trouxe á velhinha um caldo forte e quente, vinho, fructas e pão; tinha vontade de dar-lhe roupa nova, outros chinellos; dinheiro... já não tinha; hontem ainda estava rica, mas... comprara Linda, ficando sem vintem. Como eram bellos os seus olhos azues, rasos de pranto!

A velha viu-lhe as lagrimas e disse:

— Tu não deves chorar! A minha Alice é como tu formosa, e no entretanto tem fome, não tem pão; tem oito annos e não brincou ainda; é tão mimosa, que um sopro a offenderia, e andrajosa treme de frio... e ri! Sabios arcanos da Providencia!

A filha idolatrada
quando subiu a Deus, legou-me o anjo,
que me anima; por elle me confranjo,
e consigo sorrir.

Desventurada!

Não darei nunca á minha doce Alice
um instante de bom contentamento?
Como compensarei o teu tormento,
anjo de paz, prodigio de meiguice!?

Do sol, que se escondia, um derradeiro
clarão aureolava a fronte pura

da graciosa Elvira! Que doçura
no seu olhar! no riso feiticcioiro!
Foi buscar a boneca e deu-a á pobre,
p'ra que a levasse á meiga e boa Alice,
dizendo que se a neta lhe sorrisse,
bem paga ficaria.

— Santa e nobre
creança, eu te bemdigo!

Sobre a terra,
só dá ventura o pranto que se enxuga.
O desfazer a prematura ruga
da desdita cruel, mais goso encerra,
que as lisonjas sem fim do falso amigo,
que as mil festas do luxo e da opulencia
Perdeste Linda?... A tua consciencia
exulta. Anjo de luz, eu te bemdigo!



1.^a Que devemos á velhice? — 2.^a Que é Caridade? —
3.^a Que significa *incontinenti*? — 4.^a De que servem as reticen-
cias? — 5.^a Que quer dizer prodigio? — 6.^a Que especie de pa-
lavra é prematura e que significação tem? — 7.^a Porque devia
exultar a *consciencia* de Elvira?

XLII

O Faisca

Monologava o velho Antonio :

— Vendo o Faisca . . . decididamente, vendendo-o . . . Já pouco serviço me faz e . . . não vale o que come. Aquillo já deu o que tinha a dar. Agora sempre me offerecem por elle algum cobrito . . . depois . . . sim, mais tarde . . . será difficil . . . ora adeus ! Está dito, vendo o Faisca !

O filho do Antonio, o Manoelinho, que acompanhava o pae de volta do campo, vinha a ouvir estas palavras, que o enchiam de pasmo e de terror.

Elle queria muito ao Faisca e respeitava cegamente o pae ; não tinha por isso coragem de interrompê-lo pedindo-lhe que afastasse do espirito aquella idéa importuna e ingrata : vender o pobre animal, o companheiro assiduo de trabalhadeiras estafadoras e crueis !

E a cada vez que o homem dizia resolutamente : « vendo o Faisca », o mimoso e encanta-

dor pequeno estremecia, sentindo uma perturbação estranha.

Entristecia-o, magoava-o profundamente o desamor do pae. A consciencia revoltava-se-lhe contra essa resolução, que nada, aos seus olhos, explicava:

— Vender o Faisca!

Pobre Manoel! elle queria nesse momento ser forte, ser poderoso, para fazer ver ao pae, bem claramente, que era uma maldade sem nome desfazer-se de um amigo velho. Prendiam-n-o a sua pequenez e o seu acanhamento, e elle caminhava ao lado do pae sem protestar contra essa idéa, que lhe punha manchas negras na alma!

Que era o Faisca?

Um burro velho, russo, que o affectuoso Manoelinho conhecera sempre em casa. Fôra nelle que dera os primeiros passeios ao redor do terreiro, vagarosamente, seguro pela mãe, que ia a pé, ao lado, encantada da alegria do seu querido filhinho, que ria muito, fitando receioso as grandes orelhas do animal...

Teria Manoelinho então os seus tres annos. Naquelle tempo ia muitas vezes o pae á villa, montado no russo e orgulhava-se d'elle; agora queria vendel-o! Mas porque?

A alma candida de Manoel não atinava com essa mysteriosa razão, que ditava ao pae a venda do seu Faisca. Dava tractos á imaginação e não decifrava o enigma.

Quando chegaram ao quintal da casa e Manoelinho viu a carroça com os varaes para o ar, embaixo da arvore, a grande figueira brava ramalhuda; quando elle a viu, essa carroça que todos os dias sahia puxada pelo generoso e incansavel burro, o ganha-pão da familia, olhou para o pae com ar supplicante, procurando ler-lhe na physionomia o arrependimento e pedir-lhe que desistisse do seu intento; mas o pae principiou a assobiar com modo satisfeito, e elle não se animou a dizer nada.

Assim chegaram os dois a casa. Um alegre, outro tristonho até as lagrimas. Esperava-os o jantar. Na idade de Manoel os desgostos não tiram a vontade de comer; o pequeno acceitou, pois, o prato, que a mãe como de costume lhe fez. O pae enchia a bocca sofregamente, mastigando com ruido. Fez-se por um momento o silencio. Manoelinho enchera a colher e ia-a erguendo, quando um zurro prolongado e melancholico entrou na pobre sala, indo ferir o coração do pequenito. Em quanto durou o som d'aquella voz, a creança quedou-se, immovel, a colher na mão, a mão no ar, e os olhos brilhantes, muito abertos. . .

A mãe contemplava-o. O pae principiou: — Sabes, Maria? O João Velho propoz-me comprar o Faisca. Eu disse-lhe que não. . . mas. . .

Interrompeu-se para esvaziar um grande copo d'agua; depois continuou: .

— Eu disse-lhe que não, mas . . . estou resolvido a vendel-o. O animal está alli, está morto . . . Com o cobre que receber por elle e um pouquinho mais, compro uma mula nova e capaz de . . . eu sei lá! de me ganhar muito dinheiro. Hoje mesmo vou dizer ao João que o mande buscar . . . Que dizes a isto, hein?

Maria, a mulher, mal o escutava; tinha os olhos presos no filho, que, pallido, com o ar espantadinho, ficara silencioso.

As lagrimas cahiam-lhe pelas faces quatro a quatro.

Comprehendendo a causa d'essa dor, a boa mulher sorriu-se e respondeu ao marido:

— Eu sou de opinião . . . que o não vendas! Não tens necessidade de te desfazer do pobre animal para comprar outro . . . Olha, eu tenho alli um dinheirinho das economias, que te servirá para ajuda da compra da mula. O Faisca ficará para levar o nosso Manoel á villa quando entrar na escola . . . Lá para a carroça, isso não, é trabalho pesado demais para elle . . .

O Antonio tinha, afinal, um bom coração e não queria contrariar a familia . . . Rude na apparencia, era delicado por instincto.

— Está bem, disse elle com contrariedade: não se venderá.

O Manoelinho corara; tremia de alegria, vacillava no banco, até que, obedecendo a um impulso, atirou-se commovido nos braços da mãe.

O Faisca tornou a zurrar lá fora, mas como pareceu ao bom e meigo Manoel alegre aquelle zurro. O menino, doido de alegria, acabou de jantar á pressa e correu para o quintal.

O animal, sacudindo as orelhas e movendo a cauda vagarosamente, bebia num tanque, fitando na agua os seus grandes olhos serenos.

Manoelinho encostou no pello russo do burro o seu rostinho redondo e claro, afagando-o com meiguice.

Durante essa tarde o pae e a mãe, sentados á sombra da parreirinha, viram contentes o seu querido Manoel passear triumphante a radioso, no Faisca, que paciente se prestava e andar ao redor do terreiro, obedecendo á vontade d'aquelle amigo sincero e leal...



- 1.ª Que é *monologar*? — 2.ª Porque queria o velho Antonio vender o Faisca? — 3.ª Porque estremecia Manoelinho todas as vezes que o pae fallava em vender o burro? — 4.ª Que quer dizer *sufregamente*? — 5.ª Porque não vendeu o velho o Faisca? — 6.ª Que é *impulso*? — 7.ª Que significa a palavra *triumphante*?

XLIII

O ramo verde

Frederico era estouvado,
não accceitava conselhos;
ria e zombava, coitado!
das sabias lições dos velhos.

Sophia, meiga creança,
era o contraste perfeito
do irmão, uma pomba mansa
sem o mais leve defeito.

Dera o papae aos pequenos
dois canteiros bem plantados,
em tudo eguaes; mas em menos
de um mez estavam mudados.

O de Sophia, que encantos!
tinha fartura de rosas,
cravos, baunilha, agapanthos,
e violetas perfumosas.

No outro havia mamona,
urzes, trifolios, urtigas
e uns restos de mangerona
já roída das formigas.

Foram á tarde a passeio
ao jardim os dois; Sophia
colhia rosas; em meio
disse ao irmão: — Que alegria!

Vou dar á mamãe um ramo
das minhas amadas flores!
a sua alcova embalsamo
e alcanço beijos e amores!

— Dás-me esta rosa encarnada,
Sophia, pr'a o seu cabelo?
— Dou, mas não levas mais nada;
corrige o teu desmazelo.

Trabalha, meu preguiçoso!
Diz o papae que só perde
pão e honra o ocioso.
Se pões pé em ramo verde,

ficarás sem ter emenda!
— Tens graça, linda agoireira;
vaes ver, minha doce prenda,
se a sentença é verdadeira.

Disse, e subiu apressado
a verde acacia frondosa,
e lá, de um ramo delgado,
gritou á irmã receosa:

— Não vês o ramo... sensata?
o pisal-o não me atterra...
Mal acabava a bravata,
partiu-se o ramo, cil-o em terra.

Na queda quebrou um braço,
Sophia teve um fanico...
Mas deixou de ser madraço
o pequeno Frederico.



1.^a Que é ser estouvado? — 2.^a Que quer dizer contraste?
— 3.^a Que quer dizer *trifolios*? — 4.^a Que males causa a ociosidade?
— 5.^a Quantas acepções tem a palavra sentença? —
6.^a Que é *bravata*? — 7.^a Que proveito tirou Frederico do que
lhe succedeu?

XLIV

Boas-festas

Virginia portou-se admiravelmente bem durante o anno inteiro, por isso a avosinha lhe disse :

— Deixa estar que a Fada boa não se ha de esquecer de ti pelo natal.

Com essa esperança redobrava a pequenita de meiguice e docilidade.

A Fada boa ! Que risonhas promessas ella faz ás creanças ! Se ao bater da sua varinha de condão, surgem bonecas bonitas e doces tão gostosos ! A Fada boa ! Que deliciosa creatura, como compensa os bons e pune os maus !

Quando Virginia, logo de manhã, entreabriu os olhos, viu, ainda atravez das pestanas, alguém recostado nas cambraias de seu travesseiro. Era uma encantadora nêê, toda atufada em rendas ! Então despertou alegre . . . como o que de mais alegre houver no mundo.

A avozinha, solícita, estava a espreital-a ; riu-se da alegria da neta e contou-lhe assim a visita da Fada :

—Hontem á noite estava tudo muito socegoado em casa; nem o cãozinho, nem o gato, nem mesmo um ratinho se mexiam! Tu dormias quietinha, bem aninhada no colchãozinho fôfo, sonhando naturalmente com pastilhas de chocolate, cerejas crystalizadas, amendoas cobertas, com umas dansarinas graciosas, de saíote de renda, sapatinhos de setim, e com uns polichinellos cheios de guizos dourados e sonoros... eu tinha feito as minhas orações, posto a touca na cabeça e já ia apagar a vela para dormir, quando ouvi bulha perto de casa. Voci para a janella e abri-a de par em par.

A lua espalhava uma claridadê diaphana, mas forte como a claridade do sol coada por um globo azul; voavam pelo ar umas aves multicores, e tão pequeninas que a mão de uma creança poderia escondel-as; nas pedras da calçada, que luziam como vidro, vinha um carrinho de ouro puxado por oito veadinhas brancas, atreladas com fitas e flores, e guiadas por um postilhão velhinho e alegre. Os animaes corriam velozes; o conductor assobiava-lhes, excitava-os com o seu chicotinho de cabo de esmeraldas. De repente, como por encanto, subiu para o telhado o carrinho de ouro.

Desceu então do tecto uma escada de lumes e pela escada a Fada boa, vestida de azul e rendas. Atraz d'ella vinha o postilhão com longas barbas brancas de assucar-candi; os olhos eram duas amoras, e o nariz um morango.

Vinha a rir de alegria, e todo a tremer como um podim de geléa. Era pançudozinho, fallador; trazia casaca de velludo verde, as pernas finas calçadas com meias de seda, e fivelas nos sapatos, flor no peito e um cofre de prata na mão...

Então a Fada tirou esta boneca do cofre, e disse que se tu fores sempre boa, Virginia, terás no outro natal uma visita melhor.

Subiram outra vez pela escada; o tecto abriu-se e fechou-se, e tu dormias... tranquilla.

Fui á janella; o carrinho voava, arrebatado pelas veadinhas brancas. Sobre as casas das creanças boas a Fada espalhava uma chuva de rosas, dizendo, até que a perdi de vista:

— Boas-festas!... boas-festas!

Virginia fez voto de bõdade; vestiu-se á pressa e foi, radiante de ventura, contar á mãe o occorrido...



1.^a Virginia era uma boa menina? — 2.^a Que quer dizer solícita? — 3.^a Com que sonhava naturalmente a menina? — 4.^a Sabe o que é claridade diaphana? — 5.^a Que voto exprimem as palavras — Boas-festas? — 6.^a Qual é a moralidade d'este conto?

XLV

O oleo de ricino

DE LUIZ RATISBONNE

Um dia estava Alzira bem doente.
Para cural-a o medico dissera
que lhe dessem, mas immediatamente,
de ricino (que horror!)
uma ou duas colheres. Quem pudera
poupar a Alzira o grande sacrificio!
Mas era necessario. — Meu amor,
vaes beber este oleo; o beneficio
que te fará é enorme, nem calculas.
— Bebes, sim? — Não, mamãe, não bebo nada;
o que posso tomar é... limonada.
— E se eu provar tambem?
não custa nada, vê, tu atribulas
a mamãe; vamos lá; quando acabares,
se procederes bem,
eu dou-te uma pastilha. — Quero duas.
— Pois bem, terás tres. — Não.

— Filha, coragem! olha, se tomares este remedio, irei, dá-me attenção, comprar-te uma boneca. — Não das nuas... Quero que tenha roupa e chapeuzinho.
— Pois sim, bebe. — Isso não!... não pode ser... não bebo, é escusado! — Meu anjinho, matas a tua mãe, pois tu não queres que eu tenha mais um dia de prazer? Que mais te falta, filha, para veres que me estás torturando? E o pranto ardente correu-lhe pelas faces. Lentamente, Alzira toma o copo, que continha o oleo repugnante, e, caladinha, bebeu-o, sem fazer uma careta!
Beijou-a então a mãe, na mais completa alegria, e a sorrir: — Anjo querido! como te adoro! Agora está sabido que não era tão mau como julgavas...
— Oh! sim mamãe, bem mau! mas... tu choravas!



1.^a A mãe de Alzira fazia bem promettendo-lhe uma boneca se tomasse o remedio? — 2.^a Não é um grande defeito ser interesseira? — 3.^a Que quer dizer repugnante? — 4.^a Foi levada pelo interesse que Alzira tomou o oleo? — 5.^a Merece louvores a acção de Alzira?

XLVI

A escola

(MEMORIAS DE UM ESTUDANTE)

Eu sahira zangado da escola nessa tarde. Caminhava para casa, disposto a pedir a meu pae que me puzesse a trabalhar no campo com os primos. O tio Pedro não mandara ensinar os filhos, e elles ahi estavam gordos e contentes. A escola é um tormento, dizia eu commigo, e o mestre é um bandido!

Fez-me copiar vinte e cinco vezes, só porque erreí uma, a palavra polytechnica! Decididamente quero trabalhar no campo. Os meus collegas zombavam acompanhando-me pela estrada fóra a gritar-me:

— Ó da polytechnica!

Eu, humilhado, sentia vontade de chorar, e não corria como de costume.

Querendo livrar-me do acompanhamento importuno do rapazio, mal avistei a casa do tio Pedro, corri para ella e entrei, fechando atraz de mim a porta. Minha tia, sentada na sala de jantar, segurava nas mãos uma carta aberta; rodeavam-n-a de perto o marido e os filhos.

Logo que appareci, abriram-me os braços numa effusão de ternura a que eu não estava habituado.

— Vem cá, meu Chico, disse-me a pobre mulher, olhando bondosamente para mim; lê aqui esta palavra, que teu tio não pode entender. É uma carta do mano Antonio. . . desgraçadamente, os pequenos não a sabem ler, e teu tio. . . enfim, não admira. . . Olha, filho, é esta a palavra

E apontava-me com o dedo picado da agulha um ponto mais amarrotado do papel, repetindo: é aqui, é aqui!

Eu, orgulhoso do meu saber, li alto e correctamente, com todo o vagar, pronunciando syllaba por syllaba:

— Po-ly-te-chni-ca!

Atroz perseguição! Ao mesmo tempo que dos meus labios sahira clara e distinctamente essa atormentadora palavra, fazia-se uma confusão maldicta em meu espirito, e nadava-me n'alma a colera! Desesperado, levantei os olhos, e vi toda a familia a olhar para mim, attonita; ao movimento brusco que fiz, romperam o silencio, murmurando encantados:

— Como o Chico lê bem!

Áquelle elogio curvei a cabeça num agradecimento, e dispuz-me a sahir; mas a esposa do tio Pedro segurou-me carinhosamente a mão, dizendo-me de novo:

— Ó filho, já agora faze favor, lê toda a carta, sim?

Que havia eu de fazer? Lia. De espaço a espaço, rompiam em exclamações, e eu era obrigado a interromper-me para dar logar aos ahs! ohs! e ihs! prolongados.

A carta era grande: o tio Antonio dava á irmã a consoladora noticia de que seu filho mais velho entrara para a Escola Polytechnica e que, graças ao seu talento e aos mestres que tivera, enchia agora de alegria e honra os paes.

O triumpho do Alfredo abalou seriamente a opinião dos meus bons tios. Umas invejasitas formigavam-lhes no coração. A dizer a verdade, era tamanha a satisfação e orgulho do velho ao fallar no seu Alfredo, que á força de estudo e trabalho entrava para uma carreira brilhante, que eu, pobre de mim, senti-me commovido tambem!

— E o Chico? dizia então a tia batendo-me nas costas; e este pirralho, que já lê tão bem!?

— Está ali outro Alfredo!... concluiu o tio Pedro, fitando admirado em mim os seus olhos pardos e pequenos.

Houve uma pausa, durante a qual a pobre mãe derramou o seu olhar molhado de lagrimas pelos tres filhos.

Que pensaria ella? Não sei, mas nunca expressão mais dolorosa vi em ninguem!

Por fim, como se se tivessem combinado, lembraram ao mesmo tempo marido e mulher, mandarem ensinar os filhos...

Voltando-se para mim pediram-me instantemente que os apresentasse no dia seguinte ao meu professor. Prometti fazer-lhes a vontade, e na manhã immediata roguei a minha santa mãe, que me dêsse o almoço mais cedo.

— Porque? perguntou-me ella, alizando-me cuidadosamente o cabello.

— Porque vou hoje apresentar na escola os primos...

— Sim?! mas o tio Pedro dizia ser asneira mandarmos o nosso Chico á licção!...

Contei-lhe tudo, entre envergonhado e risinho.

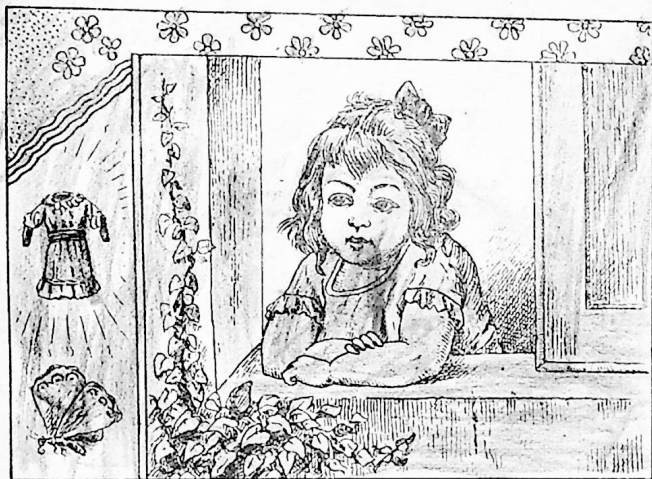
Ella, a minha doce amiga ouviu-me com attenção, sorrindo com a sua costumada placidez; depois, attrahindo-me para o seio, disse-me com voz segura e affectuosa:

— Vae, meu filho, cumpre o teu dever. Ouve sempre com respeito os conselhos do mestre, obedece-lhe em tudo. Olha que se não fosse elle, não teria eu hoje a ventura de te ver assim, terminou ella dando-me dois beijos na face.

Desde esse dia parecia-me ver, extendida como uma aza immaculada, a mão branca de minha mãe a apontar-me a escola, aonde nunca mais faltei!



1.^a Que é *um bandido*? — 2.^a Porque chamava o Chico, bandido ao mestre? — 3.^a Que quer dizer Polytechnica? — 4.^a Porque se escreve: *rodeavam-n-a* em vez de *rodeavam-a*? 5.^a Que especie de palavras são os *ahs!* *ohs!* *ish!* de que falla o Chico? — 6.^a Qual foi o sentimento que obrigou o menino a nunca mais faltar á escola?



XLVII

O vestido de Bertha

Tinha Bertha um vestido cor de rosa,
que ficava a matar
no seu corpo gentil. Toda garbosa,
quando ia passear,
parecia dizer: — «Não sou formosa?
Quem me não ha de amar?»

Uma manhã de abril a linda Bertha
a rir se levantou,
e a contemplar pela janella aberta
o campo e o ceu ficou.
«Se eu fosse colher flores?... estou certa
que gostaria... Vou.»

Poz um chapéu de palha desabado,
que o rosto encantador
resguardaria d'algum raio ousado
do sol abrasador,
e eil-a a correr, risonha, pelo prado
de uma a outra flor.

E foi andando, andando, distrahida,
a rir, sempre a brincar,
té encontrar chorando, dolorida,
a filha do alveitar,
que fugira de casa. — Margarida,
porque estás a chorar?

No campo ha tanta flor, ha tantos ninhos;
é tão azul o ceu!
Tão doce e gorgear dos passarinhos,
e choras, anjo meu!
Dize, que tens? Não queres meus carinhos
mázinha, que fiz eu?

— Eu tenho uma tal dor, um tal desgosto!
— Conta-me tudo, sim?
— Vae baptisar-se a Rosa hoje ao sol posto,
e eu, pobre de mim,
não posso ir. — Porque? levanta o rosto
e falla, Guida... assim...

— No meu lindo vestido azul-marinho,
que era mesmo um primor,
deu a traça. Eu que o tinha guardadinho
com tanto, tanto amor!
Sonhei com elle e logo bem cedinho
fui desdobral-o . . . horror!!

Deixou de ser vestido, é todo renda!
Vê, que bicho fatal!
Fiquei absorta ante a desgraça horrenda,
num martyrio infernal!
Vão todos para a festa: eu, dor tremenda!
fico só . . . por meu mal!

— Não ficas, Guida, não; sou tua amiga,
e tenho coração.
Espera aqui que eu volte, rapariga,
que não será em vão.
É tão boa a mamãe! talvez consiga
trazer-te . . . um fortunão!

Chegou a casa arfando, pressurosa,
cançada de correr;
consultou a mamãe, que jubilosa
a beijou a valer,
e levou o vestido cor de rosa,
sem pena de o perder.

— Aqui tens um vestido, minha vida,
mais bonito e melhor.
É todo seda e rendas, Margarida,
vaes ficar uma flor!
Mas choras mais? porque? Dize, querida,
Não gostas d'esta côr?

— Ai, Bertha! Como és boa e caridosa,
como eu te devo amar!
A minha irmã, á pequenina Rosa,
que se vac baptisar,
hei de ensinar teu nome, flor mimosa.
Oh! deixa-me chorar!

Este pranto consola!... — Mas, Guidinha,
exaggeras, bem vês;
não achas que é melhor ver-te alegrinha,
do que ter dois ou tres
vestidos mais? Bem, quero-tè a rainha
da festa... — Irás?... — Talvez.



1.^a Que especie de palavra é garbosa e que significa? —
2.^a Que é alveitar? — 3.^a Que palavra é *té*? — 4.^a Que especie
de verbo é *baptisar se*? — 5.^a Quantas são as conjugações dos
verbos? — 6.^a Que é verbo pronominal? — 7.^a Que significa a
palavra: *verbo*? — 8.^a Qual é o pranto que consola?

XLVIII

O berço

Tinha morrido uma creança em casa da velha Anna.

Logo que isto constou, disseram todos entre exclamações de tristeza:

— Pobre avó! É que todos sabiam que Joaninha era a ultima pessoa da familia d'essa mulher quasi decrépita, que havia sentido resvalarem para a sepultura, dos seus ternos braços de esposa e de mãe, o marido, os seus amores; e as filhas, as suas esperanças.

A ultima que morrera deixara-lhe um legado precioso, que ella recebeu com o ultimo suspiro; thesouro de sua alma, luz dos seus olhos, consolo de suas maguas... que tudo isso era para ella Joaninha, o raio do sol que lhe aquecia o lar sombrio; que lhe absorvia as la-

grimas brotadas dos seus cavados olhos de avó. Foi desde então a netinha o ninho de todos os seus carinhos; aquelle corpo pequenino era para a velha como uma redoma santa, invulcero, immaculado das almas de todos os seus finados. Em cada batimento d'aquelle coraçãozinho, escutava ella as pulsações de todos os seus perdidos amores.

Mas um dia essa unica luz apagou-se, desfez-se aquella flor de espuma, resto do oceano revolto, em que vira submergirem-se todos os seus; voou aquella avezinha innocente, que viera abrigar-se em ninho de miserias, e que partia deixando-o mais ermo, e mais saudoso ainda.

Como passaria agora a pobre velha os seus dias! Dentro d'essas quatro paredes escuras nunca mais soariam aquelles rizinhos dourados, scentellas que lhe varriam do espirito os pensamentos tristes. No berço tosco e rustico, que alli estava ao fundo, berço em que ella tinha embalado os filhos, e em que embalava agora a neta, nunca mais contemplaria a sua adorada Joaninha, encanto dos seus sentidos, unica estrella do seu tempestuoso ceu!

Foi uma morte rapida: tanto que nem a avó sabia explical-a bem.

Ainda na ante-vespera de manhã ella andara descalcinha sobre a grama humida do campo! Quando entrou, vinha tristinha e quente, e assim passou o dia inteiro; á noite a febre augmentou.

Sobre os seus cabellos cahiram as lagrimas da velhinha, que velou junto do seu anjinho com o coração partido.

*

*

*

Quem haveria na vizinhança que não conhecesse a Joaninha?

Ninguém.

As creanças amavam-n-a como a uma alegre companheira de brinquedos; as mães já tantas vezes tinham confundido com as cabezinhas das filhas a da loira Joaninha, quando com ellas brincava juncto á porta, que sentiam uma dor tamanha, como se lhes roubassem com a sua falta um elemento de ventura, e todas rodearam o pobre caixãozinho, e queriam vestir-a pela ultima vez; e trouxeram-lhe todas uma lembrança, a ultima prenda que lhe offereciam.

Desde a camizinha bordada até a grinalda de rosas, nada faltava. Mas a avó, a corcovada velhinha, afastou todas aquellas mãos, tomou nos braços o corpinho inanimado e frio, e principiou a vestir-o. As vizinhas olhavam-se admiradas, e ella prendia os cabellos da neta, tal qual como quando d'antes a enfeitava. Deram-lhe umas meiazinhas; eram de seda, contemplou-as silenciosa, e afastando-as disse:

—Ella ha de levar umas que eu lhe fiz. E antes de calçar-lh'as bafejou-lhe os pés frios e roxos, e beijou-os muito, Depois foi ella mesma quem a deitou no caixão, que lhe cruzou ás mãos, quem lhe semeou as flores por sobre o corpo!

Uma das amigas curvou-se, e, levantando com os dedos uma madeixa sedosa dos cabellos da morta, extendeu a tesoura aberta para cortal-a; mas as mãos tremulas da velha sustiveram esse braço, dizendo:

—Não, senhora; quero que ella leve todos os seus anneis.

Quando vieram buscar o caixão, algumas pessoas reccosas approximaram-se da desgraçada avó, cuidando que ella ia por certo cahir, morrer talvez; mas a velha ficou de pé na soleira da porta, a olhar até sumir-se de todo o pobre esquife.

*

*

*

A pouco e pouco foram-se retirando todos, murmurando alguns que, ou Anna já não tinha coração, ou enlouquecera.

Comtudo, durante a noite, enquanto todos dormiam tranquillos juncto aos filhos, a indifferente avó, a louca talvez, debruçava-se angustiosamente sobre um berço vazio, com as

mãos comprimindo o peito, e com os labios contrahidos, a olhar fixamente para essas taboas, que tinham ouvido os cantos com que ella embalara a sua primeira filha.



1.^a Que é decrépita? — 2.^a Que quer dizer *envo'ucro immaculado*? — 3.^a Um synonymo para *ermo*? — 4.^a Que especie de palavra é tamanha? — 5.^a Que é soleira? — 6.^a Que é murmurar? — 7.^a Em quantos sentidos se emprega a palavra murmurar?

XLIX

Theologia infantil

DE LUIZ RATISBONNE

— Como é que o pae do ceu está em toda a parte e ainda não foi visto?

Fazes favor, mamãe, de me explicar bem isto?

— Eu sei, responde logo o encantador Duarte; é como, em copo d'agua, o assucar derretido, que a adoça por igual e não o vê ninguém.

Para cinco annos só, não foi mal respondido.
Mais de um sabio talvez não dissesse tão bem



1.^a Porque se chama a Deus o pae do ceu? — 2.^a Que especie de palavra é: *isto*? — 3.^a Como se entende a comparação feita pelo pequeno Duarte? — 4.^a Em que modo e tempo está o verbo *dissesse*? — 5.^a Que differença ha entre tão bem e também?

L

Os diamantes

DE LUIZ RATISBONNE

- Que pedra feia ! — E esta ? — E' linda e preciosa.
— Pois são ambas eguaes, minha filhinha ; escuta :
é que uma está polida e a outra é pedra bruta.
— Eu quero ser polida, exclama a loira Rosa.



1.^a Que é pedra preciosa ? — 2.^a Onde se encontram os diamantes ? — 3.^a Que se faz ás pedras finas para que fiquem polidas ? — 4.^a Qual é a moralidade d'este conto ?

LI

26
O tamanco

Era dia de anno bom.

Chovia sem cessar; as ruas da villa, enlameadas, estavam desertas; o chão escorregadio, difficil de pisar, as casas silenciosas e o ceu coberto de nuvens negras.

Nem viva alma! Encolhiam-se todos nas suas habitações, ouvindo a bulha da agua, que batia no telhado e nas pedras da calçada, com uma persistencia enfadonha para uns, deliciosa para outros.

Nem um animal sequer perturbava a paz d'aquella solidão; nem um cão, nem um gato atravessava as ruas! só da venda da esquina sahia um rumor de vozes confuso e aspero, umas gargalhadas grossas, roucas, escalas desafinadas, interrompendo o compasso monotono, egual, do barulho da chuva!

Assim se passara a manhã.

Era quasi meio dia, quando lá no fim, na curva do caminho, despontou o vultozinho delicado de uma creança, com a roupinha molha-

da, unida ao corpo, arrastando uns tamancos, num tac, tac, tac, muito musical aos seus ouvidos e trazendo na mão, seguro com toda a força, o cabo d'um velho chapéu de chuva par-do, que era como um grande cogumello a proteger a mais mimosa das violetas.

Sentia-se cansada a pequenita, mas precisava andar ainda muito, até que chegasse á casa da tia, onde ia pedir de esmola um frango para a mãe doente.

Assim foi indo, até que chegou a uma ladeira, que tinha de descer, e foi exactamente ali que a chuva augmentou muito, de tal modo que a menina parou para orientar-se. Voltar?... Não! que diria a mãe?... Continuar? estava transida. A chuva cahia a mais e mais e, o que ainda era peor, roncava o trovão.

Alli não havia casas: só altos muros, só fundos de quintaes!

Tomando uma resolução, começou a andar; mas, de repente, faltou-lhe um pé, escorregou, cahiu!

A agua crescia e corria pelo morro abaixo, impetuosamente.

Segurando com força o cabo do chapéu, a menina levantou-se a custo e notou entristecida que lhe faltava, oh! ceus! um dos seus tamancos! Aquelles tamanquinhos, que lhe tinham dado de festas, que eram tão bonitos e que chamavam a attenção de toda a gente, quando bati-tiam nas pedras, fazendo tac, tac, tac...

Estendeu maguada a vista e lá o viu a deslizar na agua barrenta da enxurrada, como um batel, onde ia para desconhecida paragem toda a sua alegria!

Lembrou-se então de correr para apanhal-o; assim o fez. Correu atraz do tamanquinho, que se conservava sêmpre distante, mas que de repente parou. A pequenita então ganhou terreno; faltavam-lhe tres passos, tres passos só... quando o viu sumir-se num cano de exgotto, arrombado pela força da chuva!

Ficou extatica, triste como se visse submergir-se, ao obtel-a quasi, a realização dos seus sonhos, a sua felicidade!

Aquelles tamanquinhos eram todo o seu luxo; achava-os tão bonitos, riscados de verde e roxo!

Chorosa, levantou os olhos para o ceu e viu, destacada das nuvens pardacentes, uma nesga azul, com a fórmula do seu tamanco! Que ironia!

A pequena abaixou a cabeça e continuou a andar. Uma hora depois voltava, trazendo um frango para a mãe.

O sol inundava de luz a estrada; as plantas humidas brilhavam; brilhava até a lama que ella pisava descalça; mas muito mais que tudo brilhavam-lhe em lagrimas os olhos.

Quando chegou a casa a mãe reprehendeu-a: demorara-se muito!

Contou ella então minuciosamente a triste

historia do seu tamanco, e a maldade do pae do ceu, em mostrar-lhe de tão alto a imagem do objecto que perdera!

A mãe sorriu-se e, deixando á noitinha adormecida a filha, foi por sua vez á rua comprar-lhe um par de tamancos, com o dinheiro que lhe haviam dado para o remedio.

— A minha filha, dizia ella comsigo, fez um grande sacrificio para que eu tivesse alimento e saude; é justo agora que eu me sacrifique para que a coitadinha tenha o que eu só por ella posso ter — alegria.

Como são santas as mães!

E foi assim que se acabou esta pequena historia, tão singella e tão vulgar. Agora o que é certo é que não acabou mal, porque se a menina exultou de alegria, afiançam tambem que a boa mãe gosa e gosará muita saude.

Quanto ao tamanquinho que ficou, esse... é hoje o berço de uma boneca de panno, feia como um bicho feio, mas amada como uma filha estremecida.



1.^a Que é persistencia? — 2.^a Que quer dizer *compasso monotonos*? — 3.^a Que viu a creança no ceu quando levantou os olhos? — 4.^a Que quer dizer *ironia*? — 5.^a Que é sacrificio? — 6.^a Qual foi o sacrificio da menina? — 7.^a Qual é a moralidade d'esta historia?

LII

A idade do pae

DE LUIZ RATISBONNE

- Que idade tens, papae? desejava-o saber.
— Trint'annos. — Mas então tens a idade acabada.
— Como acabada? Tu, queres-me ver morrer?
É cedo, espero em Deus vel-a muito augmentada.
— Que tempo falta mais?...
— O tempo, meu amor, em que, sendo menino,
precisas receber cuidados paternaes;
emquanto, entendes bem? tu fores pequenino.
— Depressa, crescerei, podes ficar tranquillo.
E o pae beijou a rir o ingenuo crocodilo.

1.^a Que é uma interrogação? — 2.^a Quantos são os pronomes pessoaes? — 3.^a Que palavra é depressa? — 4.^a Em que tempo está o verbo crescerei? — 5.^a Conjugue o verbo crescer no condicional — 6.^a Porque chamou o auctor ao menino: *crocodilo*?

LIII

O Padre-Nosso

DE LUIZ RATISBONNE

— Não se deve parar em meio da oração ;
Vamos, e d'esta vez recommendo attenção.

Continua commigo o Padre-Nosso, Lia,
dize pausadamente : — O pão de cada dia...

— O pão de cada dia... — Então, eis-te outra vez
parada e resmungando ; eu zango-me, bem vês.

— Zangares te mamãe, tu que és tão boa e meiga !
Sabes porque parei ? ao pae do ceu pedia
que, visto, ser tão secco o pão, que repartia,
mandasse d'ora em diante o nosso com mateiga.

1.^a Que especie de palavra é *se* ? — 2.^a Qual é o sujeito da primeira oração ? — 3.^a E da segunda ? — 4.^a Que é *commigo* ? — 5.^a Que pedia Lia ao pae do ceu ?

LIV

Morta :

O luar entrava pelo quarto, desenhando no chão o xadrez dos caixilhos da janella.

Extendida numa cama estava uma mulher na agonia dos ultimos momentos da existencia, nessa dolorosa passagem da vida para a morte.

A seu lado dormiam tranquilllos, abraçados e quentes, dois filhos pequenos. A desgraçada mãe, sentindo que lhe fugia a vida, que morreria antes que as primeiras claridades do dia viessem desvanecer as sombras do seu aposento; sentindo que era aquella a sua ultima noite, pensava no amanhã, no futuro dos filhos.

Elles, logo de madrugada, hão de vir, como sempre, beijar-me e dizer-me:

— Bons dias, mamã; imaginava ella. E eu não poderei ouvir-lhes a meiga voz... e hei de ficar muda!... e julgarão que durmo, ou que não quero responder-lhes e acceitar-lhes as

caricias!... depois terão fome frio e medo... medo de mim, de mim, que os amo tanto!

Quem os acolherá? quem os aquecerá de encontro ao seio, como eu fazia quando se queixavam?... Quem?...

E ella soluçava, e as lagrimas rolavam-lhe pelas faces encovadas, para se estancarem nos labios requeimados e febris.

Abençoada uncção!

As creanças não deviam ficar sem os seus conselhos, amparo do espirito; não queria deixal-as sem lhes dizer muitas coisas, e já sentia a lingua tolhida e apagada a luz dos olhos, e enregelado o corpo! Subitamente sentiu-se animada, extendeu os braços para os filhos, ia prendel-os, apertal-os, cobril-os de beijos; mas as mãos pararam-lhe no ar, como que para abençoal-os, apenas!... É que a noite estava em menos de meia, e se ella os despertasse, deixal-os-ia entregues a um medo horrivel, alli, a seu lado, sem que os pudesse tranquillisar; e os braços tremulos cahiram-lhe outra vez, e ella apertou as mãos crispadas sobre o peito, como querendo suffocar o grito que lhe ia rebentar da alma e... morreu sem beijal-os — para os não accordar.

Ou fosse presentimento ou rumor do passamento, as creanças despertaram a ponto de ouvirem ainda os ultimos estertores.

Sentaram-se espantadas; a mais pequenina ia chorar, quando o irmão lhe disse a meia voz:

— Cala-te; a mamã está sonhando.

A mãe calou-se, lugubre silencio! e elles, os orphãos, ficaram sós e conchegados um ao outro.

— Tenho medo... gemeu a mais pequena.

— Encosta-te bem a mim, respondeu resolutamente o mais velho; e ella apertou-o nos braços e deitou-lhe a cabeça sobre o hombro, chorando.

O irmão sentia resvalarem-lhe pelo peito as lagrimas da innocente, e procurava a custo esconder as que lhe assomavam ás palpebras, para mostrar-se forte e poder contar no dia seguinte á sua mãe como se portara com a irmãzinha.

Ella, porém, não cessava de soluçar e era preciso distrahir-a.

— Olha, disse elle, apontando para a janella, como estão bonitas as estrellas!...

E a menina levantou os olhos humidos para o ceu.

— E que é uma estrella? perguntou ella com a voz tremula e baixinho, como se temesse despertar a mãe e procurasse ao mesmo tempo afugentar o somno do irmão.

A resposta não se fez esperar muito.

— Uma estrella... sim, uma estrella é uma estrella, assim como tu és tu, e eu sou eu.

— Ah!... exclamou ella, como se tivesse comprehendido.

A lua subia lentamente, illuminando o grupo dos dois orphãos, que surgiam alvos

d'entre a escura miseria que os cercava; de braços nús entrelaçados, com as cabeças anneladas unidas, entregavam-se no meio d'aquelle silencio e d'aquella soledade á contemplação do firmamento!

— Tu, que já sabes lêr, deves tambem saber o que é a lua; não sabes?

Ainda não li isso; mas a lua... sei que é a lampada de Nossa Senhora.

— Mas então porque é ella ás vezes redonda como agora, e outras do feitio de uma foice?

— Isso não sei, mas no ceu ha muito de tudo; olha, só de lampadas ha uma porção!

— E nós sem nenhuma para allumiar nossa mãe... E as nuvens?

— As nuvens são veus com que se encobrem os anjos, que descem á terra para guardar as creanças que não teem pae nem mãe.

— E as nuvens negras como aquella, que vae cobrindo agora a lua?

— Aquella?!... disse o mais velho com voz tremula e baixa, sentindo que as forças lhe faltavam: aquella... é a sombra do papão!

Fecharam os olhos, estreitaram-se ainda mais um nos braços do outro, e esconderam a cabeça no travesseiro.

Instantes depois poder-se-hia ouvir a tranquilla respiração d'aquelles innocentes, abraçados e adormecidos.

A seu lado, hirta, fria, immovel, estava a mãe, a face amarellada, os olhos baços entreabertos, e um fio de sangue coalhado e escuro preso nos cantos da bocca.

Aquelles anjos, que tinham passado uma parte da noite a explicar tão singularmente o firmamento, ignoravam que o mais brilhante astro do ceu da sua existencia, a sua estrella na terra, havia-se apagado para sempre!



1.^a Que é uncção? — 2.^a De que é synonymo a palavra passamento? — 3.^a Que é uma estrella? — 4.^a Que é firmamento? — 5.^a Que é constellação? — 6.^a Porque se chama ao Brazil: Terra do Cruzeiro do Sul? — 7.^a Como se formam as nuvens? — 8.^a Quaes são os mais brilhantes astros da nossa existencia, a que allude a auctora?

LV

Chuva e sol

DE LUIZ RATISBONNE

'Star no pendor do abysmo e suster-se sósinha ;
quasi a tombar no mal, luctar vencendo o mal,
é difficil, é bello ! Eu vi exemplo igual
na ingenua candidez de linda creancinha.

Disse a mamãe, um dia, á loira Georgeana :
— Se até anoitecer, eu não te ouvir chorar,
nem dar gritos, prometto, amor ir-te comprar
uma nêê gentil, d'olhos de porcellana.

Apenas isto ouviu, a bella pequenita
dansa e salta a cantar com tal soffreguidão,
que entontecendo, cae, ao comprido, no chão.
Esqueceu-lhe a promessa. Eil-a que chora e grita.

— Prantos ? adeus boneca. Ouvindo esta ameaça,
ergue se Georgeana e diz muito ligeira,
mudando o choro e riso e com immensa graça :
— Chorei... por brincadeira.

1.^a Que é abysmo ? — 2.^a Que é a attracção do abysmo ? —
3.^a Que verbo se derivou da palavra abysmo ? — 4.^a Que é a
significação do verbo abysmar-se ? — 5.^a De que modo havia
promettido Georgeana, á mãe, não chorar ? — 6.^a Que quer di-
zer tacitamente ?

LVI

Protecção divina

Lembrou-se um passarinho um dia de ir armar o seu ninho numa velha figueira brava, qae havia na floresta á beira de um rio fundo, fundo!

Admira, porque as aves não são como as creanças, que ignoram onde está o perigo, e acreditam sempre que tudo e todos são bons. Não, ellas teem o instincto, que as afasta da ruina, e não arriscam nunca a felicidade dos filhos.

Não sei qual era o nome da linda avezinha, de que fallo; sei que era pequenina, muito mimosa, com os olhinhos redondos e vivos, e uma voz tão doce, tão requebrada, e ao mesmo tempo tão terna, tão melodiosa e grave, que en-tristecia e alegrava ouvil-a.

A sua historia é... como todas as historias dos passarinhos do matto. Vivia modestamente, não aspirava a glorias e o seu intimo desejo era a paz, a serenidade, o amor.

O passaro, esse delicioso bohemio da natureza, ama o que ha de mais bello: o sol, a liberdade, e a flor, ninho delicado de poesia e encanto! Foi de seus gorgeios que surgiu a musica, a musica, que eleva e enebria o homem!

Mas voltemos a fallar do passarinho, que foi armar o seu ninho á beira de um rio fundo, fundo!

Tinha uma companheira muito medrosa, pequenina, solicitando a todo o instante o seu cuidado, desvelando-se tremula em agradar-lhe, mas, pobrezinha, muito assustadiça... Temia pelo esposo e pelos filhos, aterrorisava-se pensando que um dia quizessem voar, e que a deixassem a ella, fraca e só, longe dos seus amores!...

Por isso extendia as azas pequeninas por sobre os filhos, e punha-se a olhar para o esposo, que pousado á beira do ninho, cantava alegremente!...

Uma noite as estrellas medrosas recolheram-se, as nuvens ajunctaram-se, um vento forte abalou a ramaria escura. Veiu a tempestade. O raio brilhante cortou a negridão da noite. Estalaram as mais altas e vigorosas arvores; o rio cresceu, saltou impetuoso, alagou campos, despenhou-se nos valles. Tudo era sombra. Tudo! Só os relampagos de vez em quando illuminavam a paizagem arrancada á sua placidez.

Era o rapido momento lucido d'aquella

furiosa loucura da natureza, que se aclarava para ficar mais triste.

Então as avezinhas trementes conchegavam-se muito, imaginando, horrorizadas, que iam despenhar-se nas revoltas aguas! e pediam ao ceu: os paes a vida dos filhos e os filhos a vida dos paes.

No outro dia, quando o sol rompeu as nuvens, e a viração brincou pela folhagem, no ramo velho da figueira brava á beira do rio fundo, fundo, cantava hosannas ao astro radiante o amoroso casal das meigas avezinhas...

É que sobre a innocência e a bondade, tem sempre Deus aberta uma aza de protecção!



- 1.^a Onde foi o passarinho armar o seu ninho? — 2.^a O que faz com que as aves evitem os perigos? — 3.^a Sabe o que é *aspirar a glórias*? — 4.^a Que temia a companheira do passarinho? — 5.^a Que é tempestade? — 6.^a O relampago precede o raio? — 7.^a Que é *pára-raios*? — 8.^a Que é *cantar hosannas*?

LVII

O dia de Natal

Nascera nesse dia glorioso
a gentil heroína d'este conto,
há seis annos apenas. Onde estava?
Não se lhe ouvia o passo gracioso,
nem o rir argentino, sempre prompto
a fugir-lhe dos labios; nem cantava.
'Stava entretido o bello cherubim,
n'um pavilhão ao fundo do jardim.

Vivia nelle a boa Josephina,
santa velha, que outr'ora acalentara
a mãe da linda Estella. Quando a morte
roubou Clotilde, a velha, a pequenina
ergueu do berço, e disse com voz clara,
illuminada de um febril transporte:
— Pomba! abre as azas brancas para a luz,
tua filha tem mãe! Vida! Jesus!

Desde então não parou: noites perdidas,
phantasticas historias, mil folguedos,
vestidinhos de seda, lindos nadas,
bonecas logo vistas e esquecidas,
beijos, caricias, magicos segredos,
conselhos, risos, cantos, creanças,
enchiam-lhe a existencia de fulgor;
mas... um dia cegou? Que horrivel dor!

O pae d'Estella andava viajando,
desde que se apagara a nivea estrella
que tanto amara, tanto! Emfim, saudoso,
voltou inesperado e, receando
que o não amasse ainda a sua Estella,
a elle, que voltava sequioso
dos beijos d'essa flor angelical,
quiz festejar a noite do Natal.

No meio do salão, secretamente,
tinham armado uma arvore gigante;
era verde e frondosa; em baixo d'ella,
poderiam caber seguramente,
umas vinte creanças. Num instante
ficou cheia de mimos. Quando Estella
a visse, que faria? Deus do ceu!
Talvez chorasse e risse, que sei eu!

Josephina chorara muitas vezes
por não mais poder ver o loiro anjinho,
que era toda a sua alma! O seu encanto
dizia-lhe com fé: — Quero que rezes
ao pae do ceu, pedindo um boccadinho
de luz para os teus olhos; mas sem pranto.
É dia de meus annos, sabes bem,
que eu, Josephina, chorarei tambem.

A noite foi chamada. Na saleta
encontrou o papae, que a foi levando
para o grande salão. Subitamente
abriu-se a porta, e como a borboleta
vendo a luz enlouquece, e cega, arfando,
atira-se na luz, Estella em frente
a tanto brilho, a maravilhas taes,
saltou, chorou e riu, até não mais.

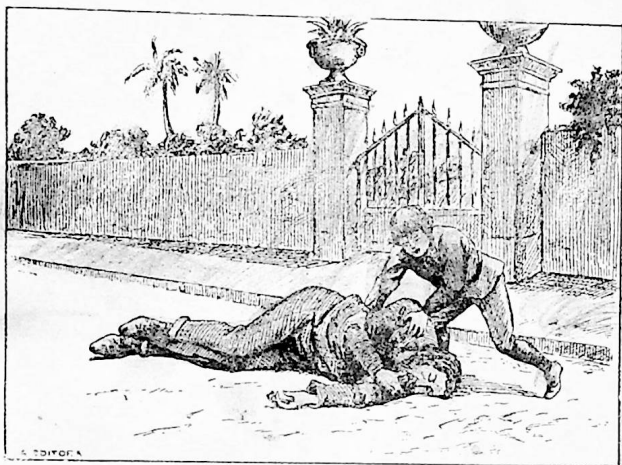
As suas amiguinhas escondidas,
qual bando de avezinhas curiosas,
entraram a cantar alegremente.
Começaram as danças, as corridas,
as gargalhadas claras e ruidosas;
era um conjuncto harmonico, eloquente!
Estella, ria, ria... era feliz,
mas de repente pára, chora, e diz:

— E Josephina? eu rio, e ella padece!
O pae do ceu tirou-lhe a luz e o riso!
Não mais verá no campo as flores bellas!
Não, não quero brincar... até parece
que sou ingrata e má! O paraizo
é o amor que me tem. Não quero estrellas,
que brilhem mais que as lagrimas de dor
que chora quando a beijo.

Santo amor!



- 1.ª Quem era Estella? — 2.ª Que são historias phantasticas? — 3.ª Quem quer dizer sequioso? — 4.ª Que é conjuncto harmonico? — 5.ª Porque parou Estella de rir e brincar? — 6.ª Qual é a moralidade d'esta poesia?



LVIII

O calice de vinho

Veiu um dia trazer-me um ramo de flores
um velho jardineiro.

Como estivesse á mesa, offereci-lhe um ca-
lice de vinho.

— Não, minha menina, não bebo, respon-
deu-me rapidamente.

Perguntei-lhe então porque?

A criada tirou os ultimos pratos, e accendeu o lampeão de gaz.

A luz bateu de chapa no rosto magro e queimado do velho, que, de olhos baixos, virava e revirava nas mãos callosas as largas abas do chapéu.

— Não bebo... continuou elle, faz seguramente um anno agora, no dia de S. João. Eu estava habituado a não faltar á missa nesse dia, desde creança, porque, alem de ser dos de maior devoção, era dia dos annos de meu pae, que, como eu, tinha o nome do santo, e minha mãe levava-me sempre comsigo á egreja para implorar a felicidade do velho. Cresci, criei-me e envelheci com as mesmas idéas, e tanto que ainda no anno passado quiz que vissem do ceu que me não esquecia do que me haviam ensinado.

Levantei-me muito cedo, passei os olhos pelos meus canteiros, reguei as plantas dos viveiros, acondicionei as vidraças das estufas, guardei, depois de limpos, todos os utensilios da jardinagem no caramanchão, e fui vestir-me conforme pedia a festa.

Desculpe se lhe conto a coisa pelos miudos, mas como me perguntou a razão, devo-lhe toda a verdade.

— Continue, disse-lhe; interessa-me a sua historia.

— Quando entrei no quarto, o meu netinho dormia; parece-me que o estou vendo:

d'entre a coberta de lã, sahia-lhe a cabecinha loira, e tão tranquillo estava, e tão quentinho, que tive mesmo pena de accordal-o. Disse de mim para mim: ora, visto-me primeiro, e dou-lhe assim mais tempo para gosar o calor e o descanso. Arranjei-me de vagar, dando tempo a que elle accordasse, mas a creança estava fer-rada no somno como se fosse um anjo no seio do Senhor.

Curvei-me para elle, chamando-o pelo nome, sacudiu-o brandamente, com dó, confesso, de o despertar; elle deu um suspiro profundo e prolongado, e voltou-se para o outro lado, sem sequer alterar a respiração, que era a mais regular.

Vi que eram horas da missa e que não devia perdel-a; tirei então do bahu a roupinha domingueira, puz-lh'a juncto á cama, beijei-o no rosto de manso e sahi.

Depois de ouvir o officio, encontrei-me no adro da egreja com uns conhecidos, que me convidaram para dar um passeio. Disse-lhes que não podia, porque o pequeno tinha ficado só, e que estava com cuidado nelle; ao que me responderam:

— Qual! teu neto já é um rapazito de oito annos; d'essa idade te conheci eu andando atraz dos carneiros no monte; não te lembras d'isso? Anda d'ahi; quando elle der pela tua falta, virá procurar-te.

Aquella recordação do tempo em que,

como elle, era pequeno, decidiu-me a acompanhá-los. Na verdade, eu nunca tive quem me deixasse a roupinha ao pé da cama, nem quem tivesse pena de despertar-me; pois ao romper d'alva tinha de sahir, naquella idade, com o rebanho para o campo. O pequeno nem se lembraria de chamar por mim, e além d'isso eu voltaria cedo.

E assim, deixei-me ir com aquelles amigos, que principiam a fallar das familias, dos tempos passados, dos ausentes, de meus paes, mulher e filha, todos mortos, e da minha aldeia, d'onde um d'elles chegara havia pouco, trazendo noticias frescas dos amigos, dos logares e de tudo.

Não sei como, fui-me distrahindo e deixei-me ficar em sua companhia, jantando mesmo com elles.

Foi a minha desgraça. Bebi e bebi muito.

Assim como ao sahir da velha casa de meus paes, eu vi irem-se desfazendo no horizonte os recortes das montanhas que rodeiam a minha aldeia, para sumirem-se de todo quando já pelo mar fóra; assim nesse dia se foram desfazendo no meu coração as angustiosas saudades, que o fallar dos companheiros tinha avivado nelle, á medida que me deixavam mergulhar na embriaguez.

Encostado á mesa onde passara a tarde descuidado, adormeci. Pouco depois accordei: era noite. Meus companheiros, mais moços e

mais fortes que eu, tinham-me abandonado. Sahi d'aquella casa maldicta. No ar rebentavam as bombas e riscavam o ceu escuro as listras doiradas dos foguetes, que se desmanchavam em lagrimas. Por detraz dos muros das chacaras ouviam-se alegres sons de vozes, festejos de musica, de cantos e de fogueiras, cujo clarão dava ás casas e ás arvores um realce, uma cor avermelhada, que m'as fazia parecerem desconhecidas. Eu queria correr mas não podia; sentia as pernas presas por pesadas correntes de ferro; queria avançar, recuava; por fim, desalentado, cahi sobre as pedras quando estava juncto ás grades do jardim de meu amo; ficava bem perto o portão, mas não cheguei a alcançal-o. Já não podia dormir, mas não podia tambem formar qualquer pensamento, nem podia pronunciar uma palavra.

Os meus olhos abertos fixavam o firmamento, onde se me afigurava ver um baile de estrellas.

Passavam e repassavam juncto de mim homens, mulheres e creanças: todos me encaravam, estas com a expressão do medo, aquelles com repugnancia e tedio... Eu ria-me, e continuava estupido a olhar para o espaço illuminado.

As horas iam correndo, e era já muito tarde quando percebi um vultozinho curvar-se para mim. Era uma creança, que ao ver-me alli por terra, não se afastara com medo como as

outras, e que, ao contrario, fitava em mim dois olhos brilhantes e innocentes.

Senti então que me prendiam as mãos callosas e quentes umas outras pequenas e macias. Incommodou-me a persistencia d'aquelle olhar, que tinha mais brilho que todas as luzes soltas no ar, e que me ia até o fundo d'alma, a revolver-me na consciencia não sei que dolorosas lembranças. Ia afastar de mim aquella creança quando ella, ajoelhada, murmurou esta palavra:

— Avô!

Estremeci! O que naquelle momento me passou pelos olhos, o que senti na alma, não posso dizel-o agora! Aquella voz débil, aquella unica palavra — avô — chamou-me subitamente ao dever. Despertei do estado de indifferença em que tinha caído, sentindo uma dor aguda no coração.

— Que queres? perguntei-lhe.

— Quero que o avô vá para casa, ou que me leve còsigo... Passei o dia todo sózinho, e estou com medo...

— E... para onde ias tu agora?

— Ia procural-o, avô...

Foi como se me tirassem um peso de cem kilos de cima do peito; tomei-o em meus braços, cobri-lhe o rosto de beijos e de lagrimas... sim, porque chorei bastante, dizendo-lhe:

— Que queres! cahi aqui... foi um ataque que me deu... Anda, ajuda-me, que são

horas de ir para a cama. E elle com as suas mãozinhas delicadas levantou do chão o meu chapeo e o meu cajado e disse:

— Vamos; vamos, meu avô.

No outro dia o filhinho do patrão perguntou a meu neto:

— Então, viste como estavam lindas as lagrimas dos foguetes de hontem?

— Eu . . . eu só vi as lagrimas de meu avô, respondeu-lhe o pequeno.

Ora aqui está, minha menina, a razão porque já não bebo.

*

*

*

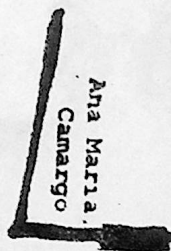
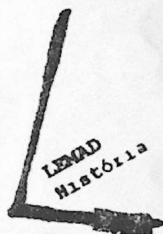
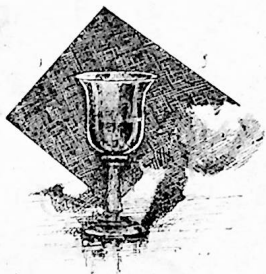
Emquanto o velho jardineiro dava a razão da sua recusa, contemplava eu absorta aquelle calice de vinho, cuja transparencia, atravessada por um raio de luz, ia desenhar um circulo doirado e tremulo sobre a toalha.

Pensava ao mesmo tempo na rudeza d'aquelle homem, no mal que lhe haviam feito os falsos amigos, e no auxilio do seu anjo da guarda.

Quando acabou, extendi-lhe a mão, que

hesitou em apertar, dizendo-lhe unicamente estas palavras:

— Não se esqueça nunca d'esse dia, e Deus proteja o seu neto!



1.^a Que é estufa? — 2.^a Conhece alguns utensilios de jardinagem? — 3.^a Para que serve o ancinho? — 4.^a Que é embriaguez? — 5.^a Que consequencias traz consigo a embriaguez? — 6.^a Quem chamou ao dever o velho jardineiro ébrio? — 7.^a Que bem faz o arrependimento? — 8.^a Quaes são os falsos amigos? — 9.^a Que conselho foi dado ao velho jardineiro?

Obras das autoras

De Adelina A. Lopes Vieira

MARGARITAS, poesias, 1 volume.

DESTINOS, contos, 1 volume.

A PUBLICAR

Um volume de contos.

De Julia Lopes de Almeida

TRAÇOS E ILLUMINURAS, contos, 1 volume (exgottado).

MEMORIAS DE MARTHA, romance, publicado em folhetins na extincta *Tribuna Liberal* do Rio de Janeiro.

A FAMILIA MEDEIROS, romance de costumes paulistas, 2.^a edição, 1 volume.

VIUVA SIMÕES, romance, 1 vol.

A PUBLICAR

Dois volumes de contos.